



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPERTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS IV
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSÉ ROBERTO AMORIM DA SILVA PEIXOTO

**IRMÃS MILITÃO: COTIDIANO, PRÁTICAS E O FUNCIONAMENTO DE UMA
CASA-ESCOLA EM SENHOR DO BONFIM DE 1975 – 1985.**



Jacobina – BA

Dezembro/ 2014

JOSÉ ROBERTO AMORIM DA SILVA PEIXOTO

**IRMÃS MILITÃO: COTIDIANO, PRÁTICAS E O FUNCIONAMENTO DE UMA
CASA-ESCOLA EM SENHOR DO BONFIM DE 1975 – 1985**

Monografia apresentada como requisito de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação do Professor Dr. José Carlos Araújo Silva.

Jacobina

Dezembro/2013

JOSÉ ROBERTO AMORIM DA SILVA PEIXOTO

**IRMÃS MILITÃO: COTIDIANO, PRÁTICAS E O FUNCIONAMENTO DE UMA
CASA-ESCOLA EM SENHOR DO BONFIM DE 1975 – 1985**

Monografia apresentada como requisito de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação do Professor Dr. José Carlos Araújo Silva.

Aprovada em:

Professor Dr. José Carlos Araújo Silva (Orientador)

UNEB – CAMPUS IV

Professor Mês. Jayme Baratz

UNEB – CAMPUS IV

Professor Doutorando Moisés Sampaio

UNEB – CAMPUS IV

Dedico este trabalho a minha saudosa e amada avó, madrinha, tinha e mãe, professora Alice Silveira Varjão (Alicinha), quem me ensinou os primeiros passos e a escrever as primeiras letras, me apresentou o mundo do saber e me introduziu na fé. E ao ter conhecimento da minha aprovação no vestibular da UNEB para o curso de história, em um leito de hospital, pronunciou as suas últimas palavras: “graças a Deus!”, e partiu desse mundo em paz deixando o meu coração repleto de saudades, porém, esperando o dia do reencontro na pátria espiritual. A Senhora o meu mais sincero AMOR!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado à possibilidade de existir e evoluir através da experiência carnal, reconciliar-me com a grande lei do universo, bem como aos meus amigos espirituais que muito tem feito para minha moralização.

Um especial agradecimento ao meu orientador o professor Dr. José Carlos Araújo Silva, que ao longo da minha trajetória acadêmica se revelou um amigo e mentor. A você, meus sinceros agradecimentos e espero seguir juntos ainda por muito tempo. E ao meu querido professor Jayme Baratz, a quem aprendi admirar através do sorriso fácil e atitudes acolhedoras.

A minha mãe Julita por ter sido aquela que muito lutou para me educar e me fazer homem de bem, igualmente a Amanda Teixeira dos Santos minha companheira de todos os momentos, aos meus filhos amados Sheldon Bruno, Letícia e João Pedro com quem tenho aprendido o significado de amar a cada dia, aos meus irmãos Luiz Claudio, Antônio Paulo, Vânia Regina, Jucivaldo e Ronaldo, agradeço pelo companheirismo, ainda aos meus sobrinhos Alice Tauane, Kayammy, Kayla, Marcus Vinícius, Sheron Ayrane, e Tiemmy Tainara. Quero ainda manifestar o meu agradecimento aos meus amigos e irmãos de caminhada acadêmica Thiago Almeida, Moisés Santos, Igo Matos, Gilberto, Marcos Lázaro, Nelson, Matheus, Rafael (Rasta), Marihen, Paloma Jambeiro, Mirlana Lopes, Géssica, Tainan Senna, Alessandra, Rafael Melo (Bronha), D. Conceição Teixeira dos Santos, Luiz Medeiros dos Santos, Caio Luiz e a todos que direta e indiretamente contribuíram para que eu chegasse até esse momento. A todos vocês meus queridos, minha eterna Gratidão!

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa trata-se de um estudo que aborda as práticas e o cotidiano da Escola Santa Terezinha, conhecida popularmente por “escola das Militão”, nos anos de 1975-1985. Era pautada em rígida disciplina, com a utilização da palmatória e dos castigos físicos, e notabilizou-se por sua atuação junto aos alunos rebeldes e desajustados das famílias locais, bem como, pela excelência dos serviços prestados ao ensino de primeiras letras. Por conseguinte, a pesquisa busca entender como essa instituição escolar baseada nas atividades de duas professoras leigas no município de Senhor do Bonfim ainda exerce influência sobre o imaginário de uma parcela significativa da população, como ideia de escola e de professoras exemplares.

Palavras-chaves: casa–escola, Instituição, Militão, Castigos.

ABSTRACT

This research work it is a study that addresses the practical and daily life of the School Santa Terezinha, popularly known as "school of Militão" in the years 1975-1985. School guided by strict discipline, using the paddle and physical punishment, is notable for his work with the rebels and misfits of local families students as well as the excellence of the services provided to the teaching of first letters. Therefore, the research seeks to understand how this school institution based on two lay teachers activities in the city of Senhor do Bonfim, still influences the imagination of a significant portion of the population, as the idea of school and exemplary teachers.

Keywords: home-school, institution, Militão, punishment.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	08
APRESENTAÇÃO.....	09
CAPÍTULO I: “A Escola Santa Terezinha e a estrutura da educação bonfinense”.....	17
CAPITULO II: “Escola Santa Terezinha: O cotidiano de uma casa-escola”.....	26
A Estrutura da Escola Santa Terezinha.....	28
Cultura Escolar: prática docente e os saberes vinculados.....	34
A Disciplinarização: Castigos e o uso da palmatória.....	40
CAPÍTULO III: “O Imaginário popular e a eficiência da Escola Santa Terezinha”.....	47
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59
FONTES.....	64
ANEXOS.....	65

APRESENTAÇÃO

A opção pelo presente objeto de pesquisa está intimamente ligada a minha vida pessoal, uma vez que, as personagens envolvidas fizeram parte da minha infância e trajetória escolar, por isso, acredito que poucas pessoas tiveram a oportunidade de construir uma pesquisa onde o objeto pesquisado fosse tão próximo do pesquisador. Entendo que na maioria das vezes não é possível dispor dos nossos interesses na pesquisa, pois existem algumas demandas que divergem do que, de fato, é interessante para o estudo, mas quando surge uma oportunidade como essa, acredito que o pesquisador deve aproveitá-la, pois, durante o desenrolar das investigações nos deparamos com muitas lacunas que só um conhecimento substancial pode possivelmente identificar as nuances desse elemento.

Escolher de forma acertada o objeto de investigação e ter uma boa relação com os sujeitos do processo que contribuirão para a investigação são peça fundamentais para o sucesso da pesquisa e creio que foi exatamente o que fiz! Pois o que aqui foi estudado está muito presente em minha memória porque integrou a minha infância e alimentou durante muito tempo os mitos da minha inocência juvenil. Pesquisá-las, me fez de alguma forma reviver o meu passado.

Segundo (CERTEAU,1976), toda produção historiográfica está relacionada com o seu local de origem, sendo no âmbito social, político ou cultural. Observo que o lugar social em que está inserido o historiador, a origem, e suas experiências vividas num determinado espaço, influenciam os seus interesses cotidianos e como esse ambiente povoa o seu imaginário, despertando-o em busca de determinadas respostas sobre os elementos socioculturais construídos ao longo do tempo naquela sociedade e qual sua interferência na formação da mentalidade coletiva. Diante desse quadro, me vi impelido a buscar respostas sobre o meu objeto de estudos, permitindo que o fluxo de eventos armazenados da minha lembrança fluísse em busca de respostas às minhas dúvidas sobre o *corpus* aqui analisado, e, a cada documento colhido, senti como que de alguma forma estivesse revendo a minha infância ao lado de tão nobres criaturas.

Esta pesquisa é fruto de uma admiração adquirida durante a minha infância pelas as mestras Maria de Lourdes Gonçalves Militão e Maria Floripes Gonçalves Militão, conhecidas popularmente como “Tia” Lourdes e “Tia” Di fundadoras da escola Santa Terezinha, mais precisamente na localidade de Senhor do Bonfim, Bahia.

Por ser natural de Senhor do Bonfim, filho e neto de professora, cresci em meio aos livros e bem cedo fui à escola, assim, fui acostumado ao cotidiano de minha avó, de levantar cedinho para lecionar no Grupo Escolar Carlos Santana e no Grupo Escolar Rômulo Galvão, sendo nesse último onde iniciei nas primeiras letras.

Certo dia fui levado por minha avó à escola onde ela iria aplicar uma prova de português e matemática aos alunos ali matriculados, afirmando que a mesma, era de admissão para a 5ª série ginásial e eu deveria acompanhá-la porque não tinha como ficar sozinho em casa, pelo fato de minha mãe estar doente. Ao chegar, percebi que não se tratava de uma escola comum, pois todos os alunos, ao entrar, pediam a benção às professoras, que apesar do comportamento rígido, eram bem agradáveis.

Foi uma surpresa estar ali, pois aquela escola era “sinônimo de terror” para meninos travessos da época, apelidada popularmente de “Escola Reformatório Pedra Preta” por causa da larga utilização da palmatória como instrumento disciplinador. Assim, no imaginário das crianças da época, ser matriculado na “Escola das Militão” era a punição pelas travessuras, por isso, achavam que sentiriam na pele o peso da rigidez da qual eram afamadas. Essa característica disciplinadora da Escola Santa Terezinha era tão notória na cidade que muitos pais de famílias, que temiam que seus filhos se desencaminhassem dos estudos, utilizavam a “ameaça” de matricular na instituição citada.

Dessa maneira, ao contrário do que eu esperava, aquela tarde foi muito divertida e com um sabor delicioso de arroz-doce preparado por elas em um grande fogão a lenha! Muitas brincadeiras e uma ou outra reprimenda, por conta da “falta de estilo” (educação doméstica). Ao voltar para casa estava feliz e aliviado, as temidas “Tias” Di e “Tia” Lourdes, para mim, não eram os “monstros” que povoavam o imaginário das outras crianças da cidade. A partir daquele momento, cresci praticamente perto delas, vivenciando o seu cotidiano.

Ensinaaram-me a brincar de represar as águas das chuvas nos períodos de trovoadas, a soltar barquinhos de papel e rodar carrapeta (sementes de eucalipto) entre os dedos, além das histórias que elas contavam e quando atingi a idade adulta, não demorou muito para elas partirem desse mundo, deixando uma saudade muito grande em meu coração, para vizinhos e ex-alunos.

O meu interesse em transformar essa experiência ao lado delas, no meu trabalho de conclusão de curso, despertou a partir do momento em que entrei a Universidade, e foi reforçado quando o livro *Notícias e Saudades da Villa Nova da Rainha, aliás, Senhor do Bonfim*, do então prefeito da citada cidade, Paulo Baptista Machado, professor da UNEB Campus VII foi lançado, e ao abrir na página 137 encontrei um pequeno texto falando sucintamente da Escola Santa Terezinha, percebi então que estava diante de um ótimo objeto para pesquisa. Apresentei ao meu orientador o prof. Dr. José Carlos Araújo Silva e graças a Deus podemos traçar uma linha para iniciarmos o estudo acerca do objeto apresentado, dentro da temática da História da Educação.

Apresentada a proposta, decidimos pesquisar a Escola Santa Terezinha nos seguintes aspectos: **Estrutura, funcionamento e cotidiano daquela “casa-escola”, nos anos de 1975 – 1985**. Com o objetivo de tentar compreender por que esse modelo escolar sobreviveu até o terceiro tercio do século XX, e como sua atuação influenciou nos dias atuais a mentalidade dos moradores de Senhor do Bonfim como modelo de escola exemplar.

A escolha pelo recorte temporal se deu por conta da instalação “maciça” de instituições escolares de caráter público no município, que começou a acontecer a partir dos anos de 1974, não apenas com o fechamento do Colégio Sagrado Coração (Colégio Marista) e consequente instalação do Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, mas também com a abertura de diversos estabelecimentos escolares de primeiras letras, a exemplo do Grupo Escolar Rômulo Galvão e do Grupo Escolar Dr. Carlos Santana, que inaugurou um novo período na educação no município, mas, não provocou uma gradual diminuição no número de crianças matriculadas na Escola Santa Terezinha, nem nas demais casas (escolas instaladas na cidade).

Este trabalho levanta ainda alguns questionamentos para análise, buscando:

1º - Saber qual o significado da Escola Santa Terezinha e das suas professoras quanto à estrutura administrativa e organizacional da educação do município de Senhor do Bonfim ante a ausência do Estado;

2º - Analisar como a atuação das irmãs Militão permanece como exemplo de educação eficaz no imaginário da sociedade bonfinense;

Por esses aspectos, a pesquisa é uma tentativa de se estabelecer um novo “olhar” sobre essa realidade concreta da casa - escola, por muito tempo desprezada, e por vezes, esquecida. Logo, apenas um trabalho exaustivo e sistemático de caracterização do seu cotidiano, estrutura, funcionamento e práticas poderia trazer para a discussão na sociedade bonfinense atual a importância do trabalho realizado pelas mestras Militão.

Por conseguinte, a problemática dessa pesquisa é a de entender como essa instituição escolar baseada nas atividades de duas professoras leigas no município de Senhor do Bonfim, ainda exerce influência sobre o imaginário de uma parcela significativa da população, como ideia de escola e de professoras exemplares.

Para a construção desse trabalho elenquei fontes de origem oral e escrita, sendo que a utilização de fontes orais justifica-se na tentativa de preencher algumas lacunas percebidas na escassa produção científica acerca do objeto estudado, para, dessa maneira, remontarmos a trajetória biográfica das irmãs Militão e da Escola Santa Terezinha bem como, o seu funcionamento, estrutura e cotidiano da Casa-escola e de suas proprietárias.

Na relação de entrevistas contei com depoimentos do Senhor Waldemar Cardoso, ex-aluno da Instituição, e que me forneceu informações acerca do funcionamento, cotidiano e relação professor-aluno, até porque conviveu com as antigas mestras e experimentou desse cotidiano. Também, a senhora Julita Amorim da Silva e o Senhor Vavá Queiroz de Carvalho, amigos de infância e vizinhos das professoras já citadas e que testemunharam sobre o caráter, convivência social e a religiosidade das irmãs. Sem esquecer as informações cedidas pela Senhora Maria de Souza, mãe de ex-aluno, que fala sobre a relação escola/família com a instituição em questão.

Já, no que toca as fontes escritas, reuni um pequeno acervo bibliográfico que me possibilitou acesso às informações memorialísticas sobre a atuação das irmãs Militão e o funcionamento da sua Casa-escola.

Inicialmente separei duas monografias escritas por dois alunos do programa de pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VII, que são: **ESCOLA DAS MILITÃO: Pequena História de uma Pedagogia da Eficácia** de autoria de Gener Andrade Miranda e **ESCOLA DAS MILITÃO: A História de uma pedagogia da eficácia, pelos seus egressos**, autora: Ana Maria Belitardo de Carvalho Miranda, ambas de 1998. Em

seguida o livro: *Notícias e Saudades da Vila Nova da Rainha, aliás, Senhor do Bonfim*. Produzida pelo Professor Paulo Batista Machado docente da UNEB Campus VII, trabalho este que foi publicado pela EDUNEB no ano de 2007, na sequência, contei também com informações da obra: *E tu, me amas?* Publicada pela DIREC – 28 no ano de 2001.

Utilizei a Dissertação de mestrado *O Recôncavo Baiano e Suas Escolas de Primeiras Letras (1827 – 1852): Um Estudo do Cotidiano Escolar*, publicada no ano de 1999, autoria de José Carlos Araújo Silva, professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia – DCH IV. Segundo o autor, o trabalho objetiva conhecer como funcionaram em seu cotidiano, as escolas de primeiras letras, criadas a partir do Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827, em todas as Vilas, municípios e locais populosos, e que funcionaram utilizando principalmente os métodos de ensino mútuo e simultâneo.

Contei ainda, com a edição da *Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação*, do ano de 2010, editado pela Sociedade Brasileira de História da Educação que tem como organizadores os professores José Gonçalves Gondra e Omar Schneider, da Universidade Federal do Espírito Santo, contudo, saliento que minhas atenções se voltaram para o capítulo incluso escrito pelo Professor José Carlos Araújo Silva em parceria com a professora Ione Celeste de Sousa, adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana, intitulado “*Educação e Instrução na Província da Bahia*”, que trata da instrução pública na Bahia com ênfase na cultura escolar. Busquei me inteirar ainda mais sobre o conceito de instituições escolares no artigo produzido pelo Pesquisador Demerval Saviani sob o título *Instituições Escolares: Conceito, História, Historiografia e Prática*, publicado nos Cadernos de História da Educação nº 4, de Janeiro de 2005, revista científica de grande circulação no meio acadêmico.

Buscando mais informações sobre cultura escolar como objeto histórico, analisei o artigo divulgado pela Revista Brasileira de História da Educação de janeiro/junho de 2001 que tem como tema: *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*, de autoria de Dominique Julia, onde objetiva demonstrar que a cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas. Ainda no que tange a cultura escolar, considere também o artigo que traz o título: *No Interior da Sala de Aula: ensaio sobre cultura e prática escolares*, de autoria de Diana Gonçalves Vidal, professora da faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, e publicado no site Curriculum Sem Fronteiras, no

mês de janeiro/junho de 2009. Nesse ensaio me atentei ao terceiro aspecto do trabalho que foi a “**valorização dos sujeitos escolares como agentes sociais**”, por acreditar que o trabalho mencionado me fornecia bons subsídios para entender às práticas escolares do período analisado.

No texto *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*, escrito pela Alessandra Frota Martinez de Schueler juntamente com a professora Ana Maria Bandeira Mello Malgadi, ambas adjuntas da Universidade do Rio de Janeiro, concentrei as minhas atenções somente no que se referia a cultura escolar, no objetivo de obter maior consistência sobre o assunto.

Por fim, encontrei no memorial do Colégio Cesc/COC, junto a fotos antigas que foram doadas ao citado estabelecimento de ensino, uma pequena carta escrita pelo Sr. José Alberto Barbosa, filho adotivo das Militão, que continha importantes datas referentes à vida e obra das irmãs. É um documento de escrita precária, mas que me apontou, inicialmente, alguns caminhos que poderia trilhar para chegar às demais fontes orais aqui presentes.

Para entender o valor histórico do objeto aqui pesquisado, busquei construir uma trajetória histórica baseada na tradição escolar do nosso país, com o objetivo de perceber o seu desenvolvimento, identificar algumas rupturas e permanências no cotidiano daquela casa-escola, para tanto, analisei os seguintes artigos:

Mestre-escola: Cultura, saberes escolares e a transformação das práticas pedagógicas (Goiás 1930-1964). O trabalho busca identificar as práticas escolares no sudeste goiano a partir dos exercícios pedagógicos de um segmento de educadores ainda vigentes naquele período, ao qual, a pesquisadora entende como uma sobrevivência dos mestres-escolas.

A ideia de “casa da escola” no século XIX português, produzido por Carlos Manique da Silva, doutorando pela universidade de Lisboa. Utilizei esse texto com a intenção compreender como funcionavam as relações escolares em um espaço que originalmente foi criado para moradia, buscando compreender como o cotidiano doméstico se mesclava com o cotidiano escolar, “conectando” a discussão para análise do meu objeto.

Do Mestre-Escola ao professor do ensino primário: Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV –XX), produzido pela “pena” de Antônio Nóvoa

e publicado no ano de 1987, discute a trajetória docente em Portugal e que serviu de auxílio para compreender as permanências dos mestres-escolas nas práticas escolares no Brasil do século XX, e que refletiam na cidade de Senhor do Bonfim.

Com o intuito de tentar entender o processo de profissionalização do magistério e às práticas de desqualificação da profissão, busquei me apoiar nos seguintes trabalhos que versam sobre o tema:

De autoria do professor Paulo Freire, ***Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar***. Publicado no ano de 1997, onde me atentei ao texto “Professora - Tia: A armadilha”. Trilhado pela mesma discussão, procurei mais informações no artigo científico da professora Alessandra Arce, intitulado ***Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil*** divulgado no ano de 2001. Igualmente importante para a minha análise, utilizei o trabalho escrito por Marília Carvalho pesquisadora da Faculdade de Educação da USP sob o título de ***Mestra sim, tia também: Professores de 1º grau da periferia de São Paulo***, lançado no ano de 1994, pela revista Projeto História.

Analisei também, o texto: ***Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil*** escrito pelos pesquisadores Luciano Mendes de Farias Filho e Diana Gonçalves Vidal, que me deram significativas informações sobre o processo de institucionalização da escola primária no Brasil, que me ajudou a compreender a estrutura educacional a qual o objeto de minha pesquisa estava inserido.

Finalmente após fazer a apresentação das fontes, passo a apresentar a estrutura dos capítulos que compõem o meu trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado ***“A Escola Santa Terezinha e a estrutura da educação bonfinense”***, irei discutir o que era a educação pública na cidade de Senhor do Bonfim, qual a necessidade da existência de várias escolas funcionando em casas domésticas, bem como o significado dessa interpretação de desdobramento da função docente e do mestre – escola, assim como a necessidade da escola Santa Terezinha em atender uma determinada demanda reprimida no município.

Quanto ao segundo capítulo, denominado ***“Escola Santa Terezinha: O cotidiano de uma casa-escola”*** irei abordar a estrutura e o funcionamento da instituição, a cultura escolar e

seus saberes veiculados aliados às atividades escolares juntamente à relação professor aluno. Enfim, o cotidiano da escola das irmãs Militão.

E, finalmente no terceiro capítulo, *“O Imaginário popular e a eficiência da Escola Santa Terezinha”*, irei discorrer acerca dos relatos e das intervenções associados aos resultados das análises de entrevistas feitas, que reconhecem a escola das irmãs Militão, como um exemplo de instituição onde se cumpria os objetivos educacionais, e no entendimento daquela sociedade, deveriam ser alcançados por uma instituição escolar de qualidade.

CAPÍTULO I: “A Escola Santa Terezinha e a estrutura da educação bonfinense”

O presente capítulo tem como objetivo estabelecer um debate acerca do que era a educação pública na cidade de Senhor do Bonfim (1950 – 1960) e qual a necessidade da existência de varias escolas funcionando em casas domésticas, bem como, entender acerca do significado dessa interpretação e o desdobramento das funções docentes e do mestre – escola, assim como, a necessidade do aparecimento da escola Santa Terezinha para atender uma determinada demanda reprimida no município.

Não iniciarei esse debate antes de fazermos uma incursão, na origem do modelo escolar ao qual a conhecida “escola das Militão” tradicionalmente está ligada, provocando um prolongamento desse modelo escolar no sistema de ensino bonfinense, que perdurou até o terceiro tercio do século XX, no qual eu identifico como um modelo de casa-escola fundada nos moldes das primeiras casas escolares após o decreto Imperial de 1827.

Acredito que realizar esse recuo em relação ao recorte temporal do meu trabalho de conclusão de curso, seja, de fato, importante, pois me ajudará na contextualização do objeto, assim como, possibilitará montar uma trajetória histórica que ajude a compreender os motivos da existência da casa – escola e da sua fundação ter sido ainda em “moldes imperiais”, dentro de um sistema de ensino baseado em escolas privadas e contando com professoras normalistas. Portanto, a menção ao período imperial é uma ação que julgo proveitosa, uma vez que as fundadoras da citada casa – escola são frutos de uma instituição educacional de caráter doméstico e que foram alfabetizadas sob os auspícios da tradição do ensino mutuo, que mesmo considerado ultrapassado pelas instituições privadas do início do século XX, durante a segunda metade do mesmo século, tinha a sua presença muito forte nas práticas dos demais estabelecimentos particulares de primeiras letras da cidade de Senhor do Bonfim.

De acordo com (SILVA, 1999), a origem da casa-escola remonta ao Brasil Colonial, mas é a partir de 1827 que a sua presença se torna maciça na sociedade brasileira, tendo em vista a necessidade da implantação de estabelecimentos de ensino de caráter publico, buscando estabelecer um sistema de ensino que atendesse as necessidades do novo Estado Nacional Brasileiro, e para tanto, seria necessário contratar professores régios para ministrar

aulas à população carente da nação, tendo em vista enquadrar no mercado de trabalho mão-de-obra preparada para atender a nova demanda do capitalismo daquele período.

Durante a implantação do sistema educacional a responsabilidade ficou nas mãos de diversos membros da Igreja Católica, devido ao seu amplo conhecimento no exercício do magistério. A atuação da sociedade civil organizada no município não tardou a acontecer, através da abertura de pequenos núcleos escolares em prédios privados, estes últimos, pertencentes à Igreja Católica. Mas, no decorrer do processo esses estabelecimentos esbarravam-se nos interesses das paróquias provocando a saída de várias instituições, permitindo o lugar para outras atividades religiosas consideradas mais relevantes do que a escolar, quando isso acontecia, a solução encontrada era fazê-las funcionar em salas cedidas pelos quarteis ou prédios públicos.

Contudo, a profissão do magistério não era lá muito atraente, devido à baixa remuneração e sem contar as despesas com aluguel e aquisição de mobiliário escolar que deveria ser adquirido sob as dispensas do salário do professor, onerando cada vez mais o seu ordenado e provocando a transformação do exercício docente em mera atividade secundária, priorizando assim, atividades outras, para garantir o suficiente ao sustento familiar.

Ainda sobre a remuneração docente, observei nas fontes que muitos professores eram originários de setores sociais economicamente mais empobrecidos e visavam no magistério uma oportunidade de sobrevivência, permitindo ao professor um salário e moradia. Segundo (SILVA, 1999), no decreto Imperial de 1827, a remuneração de um professor seria de trezentos mil réis anuais e que caberia ao mesmo, também, alugar a casa para o funcionamento das aulas, dessa forma, com o salário parco, os professores começaram a utilizar determinadas estratégias para economizar nas despesas pessoais, e uma delas foi alugar imóveis que servissem de escola e ao mesmo tempo de moradia.

Assim, começava a se misturar no mesmo espaço, o cotidiano de uma residência familiar com o dia-a-dia escolar. São essas oportunidades que a participação feminina se projeta, pois muitas aulas estavam registradas sob o nome de um determinado professor, mas por ter outras ocupações, essas aulas eram ministradas por sua mulher ou filhas. Atitudes desse porte eram muito presentes, devido à desvalorização do magistério refletido na baixa remuneração pela atividade, bem como, no descaso através de atraso salarial.

Amiúde, para melhorar a sua renda vivendo como professor, o uso da criatividade foi-lhes um grande aliado, ou seja, para complementar os seus recursos passaram a ministrar aulas privadas onde funcionavam as suas aulas públicas, prática essa, que provocou muitas críticas entre as autoridades locais do período. (SILVA, 1999) Assim, aquilo que deveria ser exceção se tornou ao longo do tempo uma tradição educacional no Brasil, e esta ação de estabelecer escolas domésticas administradas por pessoas leigas ficou conhecida ao longo do tempo como casa – escola, e aqueles que ministravam as aulas nesses ambientes eram os mestres-escolas.

É desse modelo escolar ao qual me refiro à Escola Santa Terezinha, conhecida popularmente por “Escola das Militão” ou “Escola Reformatório Pedra Preta”, este último, devido a rígida disciplina implantada por suas fundadoras, que, aliás, descendem da tradição escolar doméstica marcada pela religião e ensino mutuo. Aluna da saudosa professora Isaura Simões, que foi proprietária de uma das mais antigas casas-escolas da cidade de Senhor do Bonfim, “Tia” Lourdes Militão, acabou se espelhando nesse modelo escolar para montar a estrutura disciplinar e pedagógica da Escola Santa Terezinha, e como a mesma costumava dizer para minha querida e saudosa avó, professora normalista Alice Silveira Varjão: - “Quem sai aos seus não degenera, Alicinha! Aqui, escreveu não leu, o pau comeu!”

Para melhor compreensão do objeto aqui estudado, acredito que seria oportuno, a partir de agora, analisar a estrutura do sistema educacional da cidade de Senhor do Bonfim, que irá nos possibilitar melhor compreender, contudo, sem a intenção de esgotar o assunto sobre a composição do sistema de educação na qual a Escola Santa Terezinha estava inserida, perpassando pelas grandes unidades escolares de cunho privado, afim de melhor entender o universo educacional ao qual o objeto de meu estudo “está mergulhado”.

O sertão é um local conhecido por sua escassez de água promovida pelas grandes secas e períodos de estiagens que tornam as vidas sertanejas muito penosas, entretanto, é nos confins da Serra do Gado Bravo que está situada a cidade de Senhor do Bonfim, no interior baiano, local privilegiado por estar sempre verde em boa parte do ano, devido a sua localização abeirar-se às conhecidas “grotas”, onde as apreciadas chuvas holográficas permitem pastagens e paisagens sempre verdejantes.

Historicamente a cidade é conhecida pela tradição do ensino privado, devido a forte atuação da Igreja Católica que ali instalara duas grandes unidades de ensino, todavia, no tocante ao ensino de primeiras letras, esse, foi executado de fato pela ação das casas-escolas e da ação incansável da figura do mestre-escola na composição da estrutura educacional do

local, proveniente de uma forte demanda de alunos em idade escolar originada pela insuficiência de vagas no município e da incapacidade do Grupo Escolar Austrícliano de Carvalho de acolher o quantum do lugar, por ser a única instituição pública de ensino de primeiras letras instalada na comunidade.

Segundo ALMEIDA, (2001), "Naquela época, não existiam colégios e as aulas eram dadas em casas particulares com pessoas com certo nível de escolaridade." Nesse período, na cidade, era comum a abertura de estabelecimentos de ensino no âmbito doméstico, visto que, o mercado era muito restrito ao trabalho do campo e uma determinada parcela dos seus moradores, que não optavam pelo exercício das atividades rurais, era direcionada para o comércio ainda crescente, mas, incipiente para a demanda de emprego da população bonfinense; Já aqueles que não se enquadravam em nenhum desses setores, procuravam ministrar aulas particulares como forma de sobrevivência.

Esse exercício era muito comum na cidade e em regiões circunvizinhas, devido à atividade docente do período não exigir um alto grau de instrução para o exercício da função, como nos informa o depoimento a seguir.

"(...) Naqueles tempos a educação era muito diferente, as pessoas já tinham um pouco, pois os pais já queriam que os filhos tivessem educação. Há muitos anos atrás a professora Maria Menezes ensinava os três turnos do ABC. Até a terceira série, quem chegasse a 4ª ou 5ª série já poderia colocar uma escolinha." ALMEIDA, 2001.p.148

De acordo com a citação à cima, o ato de oferecer à comunidade local serviços educacionais tinha a função de garantir o sustento dos jovens que recém saíam da escola, e era esse costume reproduzido na localidade que assegurava a instrução dos filhos de famílias menos favorecidas.

Desta forma, Senhor do Bonfim ver aumentar ano após ano o número de estabelecimentos de ensino doméstico de primeiras letras. Durante minhas buscas encontrei por fontes inúmeros relatos sobre casas-escolas que funcionaram no município e ao longo do tempo foram esquecidas, devido à morte de seus proprietários e/ou aumento crescente de instituições públicas de ensino que aos poucos absorveram a clientela já nos idos dos anos 1960, parte essa, que não iremos discutir aqui nesse momento.

Dentre as informações coletadas, facilmente encontramos menções das seguintes casas-escolas e seus respectivos mestres-escolas:

- Casa-escola São Miguel Arcanjo pertencente ao Senhor Manoel Alves Pereira, conhecido popularmente por Prof. “Maninho”, localizada no Bairro mais antigo da cidade de Senhor do Bonfim, o Alto da Maravilha;
- Casa-escola São João Batista localizada na Rua Padre Severo (Pernambuquinho) pertencente à Professora Maria Menezes;

Ainda me referindo às casas-escolas, encontrei também, menções sobre outros domicílios que serviam como escolas, que, por falta de registros não sei precisar os seus respectivos nomes, mas tenho conhecimento que em sua grande maioria tinham nomes de santos católicos, por causa da já citada influência da Igreja Católica na cidade. As casas escolas com essa condição que aparecem nas nossas fontes são: A Escola do Buriá, a residência da professora Altamira Teixeira Fonseca, e sem esquecer a casa escola da professora Isaura Simões.

Não tardou muito para outras instituições escolares serem fundadas na comunidade, e, diferentemente das casas-escolas, essas instituições eram compostas por professores normalistas, trazendo uma nova metodologia para o ensino de primeiras letras em Senhor do Bonfim, motivadas pela presença do modelo escolar de origem católica. Dentre elas podemos citar a Escola Americana em 1913, a Escola Independência e o Grêmio Olavo Bilac ambos fundados em 1920, o internato Senhor do Bonfim de 1929 e finalmente o Colégio Senhor do Bonfim, transferido de Salvador em 1936, foi o primeiro estabelecimento de ensino normal da cidade, criado pelo Prof. Deocleciano Barbosa de Castro e por sua esposa, a Prof^a Ester Costa Castro, onde no ano de 1938 foram transferidos para cidade de Jacobina – BA. (MACHADO, 2007)

Em 1937 instala-se na cidade o Educandário N. Senhora do SS. Sacramento, pertencente à Congregação das Religiosas do S.S Sacramento, que inicialmente abrem turmas em regime de internato para moças e depois inauguram classes externas para o ensino normal, e foi a partir de 1949, que sua atuação se amplia na estrutura de ensino do município, com o funcionamento das primeiras turmas ginasiais nas suas dependências.

Com uma demanda sempre crescente no campo educacional, no ano de 1944, Senhor do Bonfim assiste com grandes expectativas a chegada de um novo estabelecimento de ensino

privado, que foi o Ginásio Sagrado Coração, Instituição pertencente à Congregação dos Irmãos Maristas, que abrem turmas de ensino normal e ginásial em regime de externato e internato masculino, concluindo temporariamente a implantação de Instituições privadas na comunidade bonfinense. (SHAW. 2010)

O Ginásio Sagrado Coração surge com o objetivo de levar para aquela região o modelo de educação baseado na doutrina cristã católica, porém, sem deixar de enfatizar a educação profissionalizante nas turmas do ensino básico, mais conhecido hoje por ensino médio profissionalizante e contavam com aulas de carpintaria, marcenaria e curso técnico em contabilidade, além das turmas de 5ª à 8ª série.

Os alunos que faziam parte da clientela do Colégio Sagrado Coração, bem como do Educandário Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento eram oriundos de diversas partes do Estado da Bahia e de outros Estados, pois o primeiro contava com apenas duas unidades, uma com funcionamento na capital baiana e a outra no interior, mais precisamente na cidade de Senhor do Bonfim. Nessas instituições estudavam apenas os filhos das famílias bonfinenses mais abastadas e algumas mais remediadas, os demais, eram acolhidos pelo Grupo Escola Austrícliano de Carvalho ou eram direcionados para as diversas casas-escolares da época.

Após traçar o perfil da estrutura privada do ensino na cidade de Senhor do Bonfim, posso finalmente analisar o que me propus inicialmente no capítulo, sobre o funcionamento da educação pública no município, mas acredito que demonstrar o quadro estrutural do ensino privado na cidade me ajudou a discutir a educação pública e entender o “sucesso” da casa-escola Santa Terezinha.

O ensino público em Senhor do Bonfim no ano de 1952, data na qual a Escola Santa Terezinha fora fundada, era fornecido à população apenas pelo Grupo escolar Austrícliano de Carvalho, instituição do Governo do Estado, situado no centro da cidade, Praça Juracy Magalhães ao lado da Casa Maçônica e em frente à Igreja Matriz de Senhor do Bonfim, que fora fundado no final de 1920, sendo que os demais Grupos Escolares foram implantados a partir de 1960.

“Minha mãe conta que por volta de 1955, ingressou na escola, sendo alfabetizada por minha avó, sua mãe D. Maria Alves Guimarães, de quem falo com muito orgulho.[...] Passando para a 3ª série, minha avó achando que não poderia acompanhar minha mãe, a matriculou na escola da querida profª Nadete Vitor [...] passando para a 4ª série foi estudar com a saudosa profª Noêmia Vitor [...] passando

para a admissão a professora a matriculou no Austricliano de Carvalho. ALMEIDA 2001.p.173

A citação apresenta-nos indícios que colaboram com a minha afirmação acerca da constante presença de casas-escolas na estrutura educacional do município, e diante dessa constatação, busquei indagar o porquê de uma cidade do porte de Senhor do Bonfim contar apenas com uma escola pública para atender uma quantidade de alunos cada vez mais crescente na época. A resposta para esse questionamento talvez tenha sido encontrada na estrutura política do local, pois a mesma é marcada por sucessivos mandatos desastrosos assinalados por vários processos de afastamentos de gestores considerados inábeis, e substituídos através de nomeações de gestores ou interventores para o cargo de mandatário do município, devido o governo do Estado da Bahia se prevalecer varias vezes do direito de nomear os chefes dos executivos municipais. (MACHADO, 2007)

Esse fato contribuiu de forma direta para uma estagnação em vários setores da sociedade bonfinense, bem como na construção de uma estrutura pública de ensino, que atendesse a população pobre da cidade no que se refere à oferta de matrículas escolares. O gestor da cidade no ano de 1952 era o Sr. Aluísio Soares de Souza Gonçalves da Silva, que governou o município até 1955 (Ano de fundação da Escola Santa Terezinha) e que não alterou em muita coisa na estrutura educacional da cidade, acredito que devido à alta rotatividade de gestores no posto máximo da administração municipal. Contudo, os registros de novas unidades públicas de ensino no local, só apareceram a partir de 1960, com a implantação de novos Grupos Escolares pelo governo do Estado da Bahia, a exemplo dos Grupos Escolares: Luiz Viana Filhos e do Rômulo Galvão.

Sem contar, que o Grupo Escolar Austricliano de Carvalho, não atendia, segundo o Sr. Vavá Carvalho, a comunidade em geral, era uma escola que acolhia os alunos das famílias tradicionais da sociedade bonfinense e que tinha ligações com pequenos comerciantes locais, que apesar de serem conhecidos e respeitados não tinham ainda condições financeiras de custear a matrícula de seus filhos nos Grandes Colégios da cidade. Afirmando que foi aluno junto com seus irmãos e irmãs daquele estabelecimento escolar, deixou a sua afirmação com a seguinte frase: *“alunos que não tinham condições financeiras de estudar nas particulares, estudavam no Austricliano!”* (Vavá Carvalho).

A incipiente oferta de vagas no ensino público favorecia enormemente o aparecimento das casas-escolares e o desenvolvimento dos grandes colégios católicos, que já nos anos de 1955, já contabilizavam um número de quatro com a fundação do Colégio Diocesano e

Seminário Menor N. Senhora de Lourdes. Tornava cada vez mais evidente a necessidade de se ofertar ao povo mais carente uma alternativa mais barata para educar seus rebentos, assim, muitas famílias desejosas de terem seus filhos na escola utilizavam o modelo escolar que mais se adequasse a sua renda familiar, tornando a casa-escola cada vez mais presente e necessária à estrutura educacional da localidade. Chegando a receber em suas dependências filhos “desleixados” das famílias mais abastadas da região, um exemplo disso, são os filhos do então Prefeito de Senhor do Bonfim, Cândido Felix Martins que a governou por vários anos.

Na estrutura educacional do município de Senhor do Bonfim, as escolas de cunho doméstico eram as grandes responsáveis pelo ensino de primeiras letras na localidade, pois não só atendia uma necessidade de agregar em uma função remunerada de professor os filhos desempregados das famílias menos favorecidas, mas porque era de fato a peça fundamental na composição do sistema educacional municipal. A presença de professores nesse sistema era tão comum que algumas dessas casas-escolas em certas ocasiões abrigavam turmas de educação de adultos em horário noturno, custeadas pela prefeitura, segundo é informado pela professora Maria de Lourdes Militão¹. “Assim as casas-escolas ocupavam uma lacuna importante na educação local, deixada pela negligente ação do poder público”. (MIRANDA, 1998)²

É mergulhada nessa estrutura que nasce a Escola Santa Terezinha, onde sua implantação, não diverge muito da história das demais casas-escolas que foram implantadas no município. Ela surge primeiramente com o objetivo de ser mais um meio de sustento da família Militão, devido à falta de recursos financeiros que fora provocada pela morte do chefe da família e a criação da casa-escola foi a única alternativa de ocupação remunerada, aconselhável para duas moças humildes e de boa família, mas com baixa escolaridade.

A fundação da Escola Santa Terezinha, ao longo do tempo foi assumindo uma importância para a educação de Senhor do Bonfim, que chegou muito além do que uma mera fonte de renda para a família das suas fundadoras. Ela aos poucos passou a atender uma clientela muito diversificada da que a maioria das casas-escolas acolhia. Sua demanda advinha de diversas famílias e classes sociais, eram filhos de famílias ricas, bem como de núcleos familiares paupérrimos, sendo que, os primeiros estavam ali devido à inadequação disciplinar e pedagógica às estruturas de ensino ao qual o poder financeiro de suas famílias podiam lhes garantir.

¹ De acordo com (MIRANDA, 1998) esse fato ocorreu também na casa – escola Santa Terezinha.

² Escola das Militão: “Pequena história de uma pedagogia da eficácia” Miranda, Gener Almeida 1998 p. 27

Essa característica era muito presente nas demais casas-escolas da cidade, mas que na Escola Santa Terezinha ganha uma dimensão maior, me refiro ao método marcadamente voltado para a disciplina, como pressuposto básico para o processo de alfabetização e “adestramento” de alunos “malcriados”, rebeldes e com dificuldades de aprendizado. Apesar de receber alunos de famílias pobres e sem problemas de adequação, ela representava para a estrutura educacional do município, a última tentativa de recuperar os alunos que as instituições normais não conseguiam atingir.

A “Escola das Militão” era, em sua estrutura, igual às demais casas-escolas existentes na cidade, porém, destacou-se por conta dos grandes resultados obtidos junto a uma pequena demanda de alunos rejeitados por outras instituições devido aos sérios problemas de indisciplinas e aprendizado, que, por causa do baixo rendimento, os tornavam párias do sistema educacional.

Assim, a pequena casa-escola situada no coração da cidade literalmente cercada pelos grandes colégios particulares e próxima ao Grupo Escolar Público, se torna o ponto estratégico para a estrutura educacional do município, onde, para lá, eram encaminhados através de recomendações informais ou por escrito, os alunos desajustados e que as famílias tinham como última esperança, a atuação daquela pequena e humilde escola de recuperar os seus rebentos, e assim, salvaguardar o futuro de suas crianças.

CAPITULO II: “Escola Santa Terezinha: O cotidiano de uma casa-escola”

Neste capítulo, discutirei a Escola Santa Terezinha nos aspectos estruturais, do funcionamento cotidiano, das práticas, atividades, cultura escolar, saberes vinculados, e a relação professor aluno, buscando melhor compreender esse universo escolar criado pelas irmãs Militão e que contribui para o sucesso da instituição estudada.

Inicialmente, exporei a relação professor – aluno através da utilização do termo “tia”, aplicado entre os agentes do processo educativo no universo da Escola Santa Terezinha. Sempre que alguém mencionava as mestras, utilizava o termo “tia”, e quando na sua presença, acompanhado dos seus nomes, logo em seguida pedia-lhes a benção, osculando as suas mãos. Era um tratamento muito comum para as pessoas que faziam parte daquele universo escolar, sendo aluno ou não.

Para muitos pesquisadores da história da educação, a exemplo de Paulo Freyre³ e Marília Carvalho⁴ a utilização do termo “tia” nas relações de alunos e professores, se trata de uma desqualificação da profissão docente, na tentativa de criar uma falsa imagem de parentela ao profissional da instrução, em detrimento da construção de uma estrutura pedagógica que qualifique e melhore as condições de vida e de trabalho do profissional da educação.

Tradicionalmente, nas escolas a professora era vista como ‘segunda mãe’. Hoje virou moda chama-la de “tia”. [...] Ora a professora precisa sentir-se “em casa”. Assume um papel de “mãe” ou “tia”, identificando-se mais como um “parente postico” da criança do que como sua mestra. NOVAES, 1986, p.105-106

Diante do fragmento exposto, entendemos a crítica a esse tipo de tratamento, uma vez que os termos mãe e tia, determinam graus de parentesco e o professor não é parente de aluno, é um profissional que atua na área de educação e que vende um determinado serviço de grande relevância para a sociedade. Mas, tal atitude é maléfica para o profissional de educação, pois abre diversas lacunas, que podem “entravar” as lutas da categoria por uma melhor condição profissional.

³ Tia não sou professor: Cartas a quem ousa ensinar, Olhos d’água. São Paulo: 1997.

⁴ Mestre Sim, Tia Também: Professoras de 1º grau na periferia de São Paulo. Artigo da Revista Projeto História, São Paulo 11 de novembro de 1994.

No passado, costumava-se dizer que o professor era um segundo pai ou mãe de seus alunos, pois a imagem que se tinha da escola (principalmente da pré-escola), é que era um local, onde, se por um lado fornecia instrução, por outro, abrigava os filhos pequenos das mães de família para que elas pudessem trabalhar. Mas, para não se sentir culpada pelo “abandono”, criava-se a imagem da escola como um segundo lar para os seus filhos, e os profissionais envolvidos, deveriam agir como seus progenitores.

Assim, o hábito de ensinar os filhos a identificar o professor como parente, se torna uma prática na família, muitas vezes reforçada nas unidades escolares, visando uma rápida adaptação da criança ao meio escolar. Todavia, enquanto a criança crescia, mais o termo “tia” era aplicado na escola e o professor como alguém próximo da família se tornou aos poucos em uma parentela dificultando o crescimento do mesmo em uma categoria profissional.

Durante o processo de pesquisa, a referência “tia” ao tratamento dado às mestras Di e Lourdes, desvendei que as afirmações dos pesquisadores acima referidos colaboram, em parte, com a realidade do universo da Escola Santa Terezinha, bem como, na época, para a cidade de Senhor do Bonfim. As assertivas se confirmam quando identifico na relação professor – aluno o sentimento maternal que era movido na sua prática docente e que acabava criando laços afetivos mesmo com seus alunos. A minha afirmação se baseia nos depoimentos encontrados em livros e nas entrevistas realizadas, onde, as pessoas que conviveram com elas relatam que eram extremamente valorizadas e contavam com a admiração e o respeito de todos, isso as transformava em uma espécie de parente não sanguíneo, por conta do sentimento de gratidão, e por serem pessoas moralmente valorizadas, mas que na sua grande maioria essa estima não se transformava em valores pecuniários.

A utilização do termo “tia” naquele pequeno universo da casa-escola Santa Terezinha, vinha primeiramente da exigência das mestras, devido o método aplicado na casa-escola exigir atitudes para com as crianças que na maioria das vezes era atributo da família, a exemplo dos castigos físicos e severas reprimendas, onde a regra primeira da instituição era dar “carta branca” (apoio irrestrito) para as mesmas agirem com os seus alunos, sem a interferência dos pais. Assim, para que o processo de ensino-aprendizado ocorresse era necessário criar uma espécie de sentimento e respeito que só se encontra no seio da família. E como prova que os familiares das crianças matriculadas na “escola das Militão” aceitavam as exigências, o fragmento abaixo nos traz informações valiosas sobre esse aspecto.

“[...] Certa vez, deixei o filho do prefeito Cândido Félix Martins, o Antônio, preso e mandei dizer ao pai que não viesse buscar o filho, pois se viesse o menino não estudaria mais aqui”. Se deram o recado não sei. Só sei que Nilda, mãe do menino, foi para a Bahia. Passou oito dias por lá e o pai não apareceu aqui na escola. Deixei o moleque oito dias preso. Trecho da entrevista de Lourdes Militão, concedida ao radialista Tito Rocha realizado no ano de 1998.

Dessa maneira, o termo “tia”, empregado nas relações sociais e escolares travadas com as mestras, na sua grande maioria, possuía um valor afetivo imensurável devido a imagem das nobres professoras, representarem para a sociedade da antiga “Vila Nova da Rainha”⁵ o sinônimo de respeito e dignidade humana, portanto, chamá-las de “tia” era uma demonstração de amor, reconhecimento e apreço pelos grandes serviços prestado a educação do lugar.

A estrutura da Escola Santa Terezinha

A casa-escola situava-se na Rua Ruy Barbosa, 90, centro de Senhor do Bonfim e no terreno em que outrora funcionou a instituição foi erigido um grande prédio que atualmente abriga um supermercado. Era uma pequena casa construída com paredes de adobe e coberta com telhas de barro rústico, bem ao estilo das construções do início do século XX, com paredes caiadas na cor amarela ou branca e um roda pé em vermelho. Possuía um conjunto de quatro janelas em madeira de umburanas, separadas em pares por uma porta frontal. Havia ainda dois quartos que serviam de alojamento para as mestras e sua mãe, duas salas onde funcionavam as classes diuturnamente e a cozinha, contando também, com um banheiro que apesar de ser bastante asseado, possuía uma latrina com as chamadas fossas negras e um quintal bem amplo, repleto de árvores frutíferas.

O piso era de cimento em tom vermelho e a cozinha contava com um compartimento de abertura ampla para o quintal, onde funcionava um belo fogão a lenha. Um pouco afastado ficavam os potes com água e na sala um filtro com uma bandeja de copos coberta com panos alvíssimos. A mobília era bastante simples e rústica. Na primeira sala, encontravam-se carteiras individuais e duplas, dispostas em fila indiana e logo à frente, um grande quadro negro apoiado sobre um grande baú de madeira ao lado da carteira da mestra. Sem esquecer uma velha cadeira de balanço usada por mãe Didi situada na entrada da casa, onde, de lá controlava a chegada e a saída dos meninos e meninas.

⁵ Segundo (MACHADO,2007) Senhor do Bonfim, antes de se tornar cidade era conhecida como Arraial de Senhor do Bonfim da Tapera, depois ao ser elevada a categoria de Vila pelo Decreto Real de 1º de outubro de 1799 e em homenagem a Rainha de Portugal D. Maria I a Vila foi Batizada de Vila Nova da Rainha.

A segunda sala era organizada da seguinte forma: possuía uma grande mesa servida de compridos bancos e tamboretas, e um pouco mais afastado uma pequena mesa assistida por um caixote, que era utilizada pelas mestras para tomar a lição dos alunos. Alguns desses alunos afirmavam que a mobília era muito desconfortável, mas evitavam reclamar por medo do castigo. Facilmente se encontravam nessas salas, outras mobílias que faziam parte da vida domestica da casa, bem como o rádio, o televisor, as cristaleiras, tripés de painéis, porta retratos e um pequeno altar com as imagens de sua devoção.

Segundo o Senhor Waldemar Cardoso, a mobília da escola e as salas eram extremamente desconfortáveis, e, apesar de haver na casa quatro janelas e a porta de acesso ao quintal, à ventilação do imóvel permanecia muito ruim, mas, como a sala era relativamente pequena para funcionar uma classe de 20 alunos em cada, tinham que se acostumar com o desconforto. Esse tal desconforto existia porque o imóvel não fora construído para abrigar uma escola e sim, a família, e como tradicionalmente acontecia, as casas-escolas surgiam da necessidade das mestras se manterem com os poucos recursos que tinham, e fazer funcionar suas aulas em casa, era uma medida de economia.

Inicialmente a Escola Santa Terezinha funcionava nos turnos matutino e vespertino, anos depois da implantação do MOBRAL⁶, a instituição passou a funcionar no período noturno. Pela manhã, a porta se abria às 07 horas e 30 minutos quando iniciavam a revista minuciosa das condições de higiene pessoal de cada aluno, ao término da recepção, as aulas começavam pontualmente às 08 horas e se prolongavam até 12 horas, com uma parada para a merenda às 10 horas recomeçando as atividades em classe às 10 horas e 30 minutos.

No período vespertino, a revista iniciava-se às 13 horas e 30 minutos e a aula começava sem atraso às 14 horas seguindo de um recreio às 03 horas e retornando às atividades em classe 30 minutos depois, se prolongando até às 18 horas, e no turno noturno as aulas eram iniciadas às 20 horas e se perduravam até às 22 horas, pois se tratavam de turmas de MOBRAL, e a condição da clientela era muito diferente das turmas diurno. Mas, isso não quer dizer que o rigor quanto à disciplina não era o mesmo.

Saliento que a Escola Santa Terezinha possuía duas salas que serviam de classe e sala de visita nos momentos de reuniões familiares, que não eram muito grandes, porém

⁶ Movimento Brasileiro de Alfabetização foi criado pela Lei Nº 5.379 de 15 de dezembro de 1967. Programa implantado pelos militares e que tinha uma forte influência do Método Paulo Freire, pois utilização “palavras geradoras”, que consistia em palavras pesquisadas com os alunos para alfabetizar.

suficientes, para abrigar cada uma delas. Ao todo, a Escola possuía uma clientela de 80 alunos por ano separados em três turnos.

Quanto à divisão das turmas, elas eram dispostas da seguinte maneira: no período matutino funcionavam as classes multisseriadas de ABC, cartilha, 1ª e 2ª séries, já no turno vespertino funcionavam as classes de 3ª e 4ª séries e admissional⁷. Eram turmas mistas, mas com uma predominância do sexo masculino.

A estrutura pedagógica da Escola Santa Terezinha estava alicerçada na Metodologia Tradicional leiga, devido às mestras serem filhas de uma cultura educacional ligada a vertente religiosa, que centrava todas as suas ações na autoridade, memorização, emulação e intuição. Imprimindo um caráter dogmático aos conteúdos aplicados nas suas aulas expositivas, a pedagogia tradicional, em sua vertente religiosa leiga, transforma a atividade docente em um veículo de doutrinação.

Ao analisar a grade curricular utilizada na Instituição, não existia muita diferenciação dos conteúdos trabalhados nos demais estabelecimentos de ensino do município. Era uma grade composta por português, matemática, história, geografia, ciências, e estudo religioso, com destaque para a religião cristã católica, sendo a presença dessa última, uma clara evidência que a maneira como elas foram alfabetizadas, influenciava bastante na sua prática docente, que estava exacerbadamente centrada na disciplina e na mecanização do ato de pensar.

A carga horária estava adequada para cada turma, mas observamos que língua portuguesa e matemática recebiam uma especial atenção. Segundo o Senhor Waldemar Cardoso, um pequeno esquema das aulas ficava sempre no centro da sala para que os alunos pudessem se orientar ao longo da semana. No decorrer da entrevista o depoente rabiscou em um guardanapo o formato do referido esquema e que procurei reproduzir com fins de ilustração. A disciplina de Conhecimentos Gerais era um misto de história, geografia e ciências, quanto ao ensino religioso tinha o seu foco na religião Católica.

⁷ A escola mantinha uma classe somente para alunos que já tinham concluído a 4ª série e precisavam fazer um curso preparatório para enfrentar o exame admissional para a 5ª série ginásial em outros estabelecimentos de ensino.

1ª e 2ª Séries

Tabela 01

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
08h00min	PORTUGUÊS	C. GERAIS	MATEMÁTICA	SABATINA
09h00min	HIS. DO BRASIL	GEOGRAFIA	CIÊNCIAS	N. DE GEOMETRIA
10h00min	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
12h00min	MATEMÁTICA	RELIGIÃO	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS

3ª e 4ª Séries

Tabela 02

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
14h00min	MATEMATICA	PORTUGUÊS	SABATINA	PORTUGUÊS
09h00min	HIS. DO BRASIL	GEOGRAFIA	CIÊNCIAS	N. DE GEOMETRIA
15h30min	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
17h00min	PORTUGUÊS	RELIGIÃO	MATEMATICA	C. GERAIS

Legenda:

Tia Lourdes  Tia Di 

Os quadros acima demonstram a disposição da carga horária para as turmas multisseriadas de 1ª à 4ª séries, mas quando me refiro ao ensino da cartilha, o depoente Waldemar Rodrigues Cardoso não soube me informar. Por isso recorri ao depoimento da mestra Lourdes Militão que declarou o que ensinava aos seus alunos da “Cartilha”. *“menino meu não contava nos dedos. Eu ensina, uma duas três...dez vezes; pegava na mão e ensinava a cobrir...”* (Lourdes Militão, 1998).

O método aplicado às turmas de “cartilha” (alfabetização) era o tradicional com alguns improvisos, a exemplo do uso de folhas de papel vazadas postas sobre as letras do alfabeto, solicitando que o aluno identificasse a letra em destaque na folha refluída, e isso se repetia quantas vezes fosse necessário. Era um método voltado para a memorização mecânica. Apesar de nos dias atuais, os métodos voltados para a memorização serem muito combatidos, na Escola Santa Terezinha eles garantiam a alfabetização na idade certa.

Observando o horário de início das aulas, percebi que começavam um pouco mais tarde em relação ao que hoje estamos acostumados. Isso se dava devido ao processo de vistoria que era realizado na entrada da escola, quando as mestras observavam o estado de

higiene pessoal dos alunos, e se não estivessem a contento, as mestras realizavam todo o processo de higienização dos mesmos, em seguida, enviavam aos seus pais um recado solicitando maior atenção quanto ao asseio das crianças.

Durante o cotidiano com os alunos menores, os que estavam matriculados na classe conhecida como cartilha, mas que hoje identificamos como alfabetização, participavam de aulas sobre higiene pessoal que tinha a função de ensiná-los como petear os cabelos, aparar as unhas e sobre a escovação dentária. Ao anteceder as aulas, a realização de orações, acompanhadas do terço de Nossa Senhora, seguido de entoação de cantos católicos eram comuns, e a frequência era controlada através da chamada, feita duas vezes no período, ao chegar e ao sair, como forma de controlar a permanência e descobrir eventuais fugas dos alunos.

Segundo (Dominique Julia, 2001), o diário de classe se caracteriza como um documento oficial, normatizado, elaborado pelas Secretarias Estaduais de Educação. Era direcionado às escolas para que o professor transcrevesse formalmente seus direcionamentos em sala de aula – data e horário das aulas, conteúdos ministrados, avaliações, frequência dos alunos. Esse instrumento, além de ser manuseado pelo professor, passava também pelo supervisor, para verificação dos dias letivos e dos conteúdos anotados. A tarefa de registrar era obrigatória, seguida de regras para sua execução, como, por exemplo, evitar rasuras. Este tipo de ação delegada ao professor fazia parte da cultura escolar, enquanto conjunto de normas e práticas, coordenadas às finalidades, que era difundida, obedecida e utilizada no interior da escola.

A Escola Santa Terezinha, não recebia nenhum diário oriundo da Secretaria Municipal de Educação, uma vez que a Instituição não possuía nenhum vínculo com o Estado, exceto, quando passou a funcionar as turmas do MOBRL⁸, onde deveria utilizar como cômputo das aulas em formulário de frequência específica do programa do governo, em parceria com a Secretaria de Municipal de Educação. Mas, no que toca às turmas de Ensino Primário, esse importante instrumento era produzido artesanalmente pelas mestras.

O Diário, segundo informação do Sr. Waldemar R. Cardoso, era constituído de um pequeno caderno brochura, forrado em papel camurça azul claro e com uma etiqueta branca. Em páginas individuais eram anotados os nomes dos alunos em um quadro traçado

⁸ As turmas de MOBRL funcionaram na Escola Santa Terezinha nos anos de 1974 a 1978.

manualmente a caneta, possuía em cada coluna as informações necessárias para se realizar apontamentos acerca do desenvolvimento escolar do aluno. Salienta o mesmo, que todos “morriam de medo” das anotações das mestras, pois se fossem desfavoráveis tomariam uma surra, na maioria das vezes, dos seus pais!

Nesse diário constavam as seguintes informações: Frequência, notas, uma coluna onde se assinalava o desempenho disciplinar dos educando com os indicativos de ruim, regular, bom e ótimo, um espaço para relatar observações e outras ocorrências. Era produzido de forma artesanal, mas bastante funcional e engenhoso, que, segundo o Sr. Vavá Carvalho, o diário era tão criativo que era possível realizar um relatório para os pais das crianças somente recorrendo ao mesmo.

(Claudia Schemes⁹ 2001), nos esclarece que o uniforme foi instituído pela primeira vez no Rio de Janeiro, capital do Império, no Colégio Pedro II, em 1850, e mais parecia um fardamento militar. A partir desse período algumas escolas passaram a utilizá-lo como forma de padronizar a roupa dos alunos e identificar as instituições de ensino aos quais estavam vinculados. Segundo (SILVA, 2006)¹⁰, “a escola, através da organização estética de seus alunos, caminhava por firmar-se enquanto instituição disciplinar, assim como o exército legitima a sua autoridade”.

O crescente número de escolas no Brasil trouxe, com isso, a necessidade urgente de caracterizar os alunos das diversas unidades de ensino através do fardamento. Cada instituição de ensino deveria trazer inscrita nos seus uniformes além do nome e o escudo. “(...) A tradição, o método e as características pedagógicas, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e outras escolas”. (LONZA, 2005, p. 21)¹¹

O uso do fardamento não era algo voltado simplesmente para o estético, mas tinha como prioridade a segurança do aluno. Além disso, ao matricular uma criança, a instituição se

⁹ Doutora em História, professora dos cursos de História e Design de Moda e Tecnologia, Centro Universitário Feevale. Autora do artigo “A moda europeia e o uniforme escolar no Brasil”

¹⁰ SILVA, Katiene Nogueira da. *“Criança calçada, criança sadia!”: sobre os uniformes escolares no período de expansão da escola pública paulista (1950/1970)*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 2006. Disponível em [HTTP://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/](http://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/)

¹¹ LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

tornava responsável por ela, e que por sua vez, esses alunos deveriam honrar as cores o nome, a tradição e o símbolo da escola em qualquer lugar em que se encontrasse.

Todos os moradores de Senhor do Bonfim eram cientes que a casa-escola Santa Terezinha era conhecida pelo esmero por sua proposta de ensino pautada em rígida disciplina, e como toda instituição escolar não abria mão do uso do fardamento, exigia que seus alunos os mantivessem impecáveis, ou seja, não aceitavam que andassem de uniformes desalinhados diante da sociedade local, e se assim fosse, eram punidos com umas boas saraivadas de bolos e botinadas para nunca mais esquecer.

Além do mais o fardamento tinha a função de igualar todos os alunos naquele pequeno núcleo social que era a escola, pois ali estavam reunidas pessoas de diversos níveis sociais e econômicos. O simples fato de um aluno trajar uma roupa de qualidade superior aos demais já o tornava de certa maneira superior aos outros, mesmo estudando em uma escola humilde, como a Escola Santa Terezinha. O fardamento era composto de calça azul marinho e camisa branca, ambas em linho, meias brancas e sapato colegial Vulcabras para os alunos de 1º ano ao admissional, e congas brancas para as crianças das turmas de “Cartilha”.

Cultura Escolar: prática docente e os saberes vinculados

Ao consultar o dicionário¹² e buscar saber o significado de escola, veremos que se trata de uma instituição pública ou privada de ensino coletivo; Soma de professores, alunos e funcionários em torno de um método ou teoria. Acredito ser oportuno antes de discutir sobre cultura escolar, procurar analisar qual o objetivo primeiro da instituição chamada escola, e a partir daí buscar analisar a cultura aprendida e vivenciada nesse espaço.

Segundo Michael Young¹³ (2007) autor do artigo “Para que serve a escola?”, afirma que “[...] a escola é uma instituição com o propósito de promover aquisição de conhecimento”. Mas, talvez, essa afirmação seja simplista demais para resumir um estabelecimento de tal importância para sociedade, todavia, cabe à escola fornecer os instrumentos para favorecer, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento

¹² Academia Brasileira de Letras. Dicionário escolar da língua portuguesa, 2ª edição, Companhia Editora Nacional – São Paulo – 2012.

¹³ Professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres e da Universidade de Bath.

historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania.

Alicerçados nessa ideia, observamos que a escola não é uma estrutura que se erige de forma independente na sociedade, ela está inserida em um contexto social onde segundo (Farias & Pinheiro, 2011)¹⁴[...] “*as múltiplas relações que se estabelecem, se produzem e se reproduzem, tendo como base a relação global e local, rural e urbano, micro e macro, homem e mulher, conflitos de geração, guerra e paz*”. Além disso, favorece um conhecimento holístico, possibilitando novas atitudes, comportamentos e procedimentos no relacionamento com o meio e com formas de convivência mais sadias e sustentáveis, promotoras de uma autonomia reflexiva e propositiva de uma nova ordem social.

Diante do exposto, observamos que o conjunto de normas e comportamentos que são travados dentro do ambiente escolar, contribui para a formação de diversas relações entre os agentes do processo educativo a partir desse universo chamado escola, e, essas afinidades produzem aos pouco aquilo que no meio teórico costuma-se identificar como cultura escolar.

Segundo Julia¹⁵, cultura escolar é um conjunto de normas e práticas destinadas ao ensino como:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. JULIA, D.2001, P.10

Portanto, estudando a cultura das unidades escolares, abrindo a “caixa preta” da “célula mãe” do processo educativo é que encontraremos as disciplinas que compõe os currículos escolares entrelaçados com os variados valores sociais que contribuem ao lado da instituição, na formação dos futuros cidadãos da comunidade na qual está inserida. É analisando o cotidiano escolar que encontramos as diversas teorias da aprendizagem diluídas nas praticas docentes presentes nos seio escolar e que nesse universo percebemos que metodologias e práticas formam uma homogeneidade que tem como objetivo o avanço do processo de ensino aprendizagem nas diversas classes que formam a unidade de ensino.

¹⁴ Ana Elizabete Moreira de Farias – UFPB & Profa. Dra. Josefa Nunes Pinheiro – UVA Educação para a convivência com o semiárido: Contribuições para o ensino de história. Ano 2011.

¹⁵ JULIA, D. A Cultura como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n.1, 2001.

As crianças que moravam na cidade de Senhor do Bonfim, mesmo sem nunca terem entrado nas dependências da Escola Santa Terezinha, sabiam que a rotina daquele lugar era muito diferente das demais escolas locais. Naquele ambiente, as disciplinas do currículo escolar se misturavam com outros conteúdos que extrapolavam aos que eram aplicados normalmente nos estabelecimentos de ensino da cidade.

Durante o início do turno escolar, já na entrada, os alunos da Santa Terezinha recebiam o primeiro dos ensinamentos constantes na cultura escolar, que era o respeito pelas mestras através da “tomada da benção”, em seguida ocorria à revista acerca da higiene do corpo, como já mencionei, e da organização do material didático. As mestras observavam da orelha aos dedos dos pés, do lápis ao caderno. Ambos deveriam ser imagem e semelhança, no tocante a limpeza e organização, por esse motivo, os alunos das “Militão” que andassem com o fardamento, cabelos e bolsas desalinhadas, em pouco tempo se modificavam.

Quando nas dependências da escola, a cordialidade entre os colegas era item obrigatório, as únicas pessoas que poderiam “aumentar a voz” naquele local eram as mestras, apenas na ora de fazer um ditado de palavras soltas ou de pequenos textos. Era difícil presenciar algum desentendimento entre alunos naquele espaço, uma vez que as mestras cobravam de forma muito rígida o respeito e a amizade dos discentes, e se essas “normas” não fossem respeitadas, passavam o dia todo sob o castigo dado.

Mesmo diante de tanta rigidez, a relação professor aluno era muito boa, todos os dias após a distribuição da merenda, as mestras se misturavam com seus alunos para participar dos folguedos com seus pequenos. Organizavam os torneios de pião e bolas de gudes, nos dias de chuva montavam barquinhos de papel, onde muitos ao sair da aula se perdiam no meio das águas das chuvas de tanto correr atrás dos mesmos, nos pequenos córregos feitos pelas enxurradas.

Havia sempre uma sublimidade na didática das brincadeiras que elas organizavam, seja com os meninos ou com as meninas. Um episódio muito interessante ocorreu quando eu ainda frequentava aquela casa, perguntei a “tia” Lourdes o seguinte: – O que eles estão fazendo? – Silêncio, menino! Di está ministrando uma aula de matemática! – Como assim matemática? Elas estão costurando! – Se você não acredita vá ver de perto.

Fui, e ao sentar percebi que elas cortavam pequenos pedaços de tecidos em diversas formas geométricas e ao juntá-los, media-os com régua, esquadro e transferidor, e aos poucos

elas iam costurando os pedaços. Ao findar da aula, cada menina estava com uma pequena bruxinha feita de retalhos e todo o conteúdo de geometria aprendido, então fiquei pensando se elas não tinham uma aula de história do Brasil, onde pudéssemos montar um D. Pedro de argila.

Naquela época era muito comum, as meninas, aprenderem a costurar fazendo suas bruxinhas, mas na escola das Militão, os folguedos locais que contribuíam para a formação das futuras mães de família, era uma grande oportunidade de ensinar alguns conceitos matemáticos, aliados aos valores sociais locais. Sabemos que, desde pequenas, as crianças são educadas para assumir a sua principal função na sociedade, e o brincar de bonecas aprimora nas meninas o sentimento maternal e protetor que um dia irá nortear as suas ações na futura familiar que poderá constituir. Sabendo disso, as mestras aliavam o trabalho das disciplinas do currículo escolar aos saberes das famílias tradicionais, não só com costuras, mas também com aulas de culinária, no quesito de pesos e medidas.

Estimulavam a dicção nas aulas de português organizando pequenos recitais em sala de aula com os poemas de grandes vultos da poesia brasileira. Nos jogos de futebol, bolas de gudes e piões estimulavam a honestidade e o respeito entre os participantes, não toleravam brigas, bate-bocas e agressões físicas na sua escola. E quando recebiam visitas, orientavam seus alunos a ficar de pé e só falarem quando solicitados. Antes de qualquer ação dos visitantes, eram todos acolhidos com pequenos cânticos escolares severamente ensaiados.

Durante a hora da merenda, as mestras se preocupavam em ensinar aos seus alunos as maneiras corretas de se sentar à mesa para realizar as refeições, orientavam batendo com um botim nos braços daqueles que apoiavam ou se jogavam sobre a ela. Cobravam postura ereta e uma mastigação silenciosa e sem pressa, dessa maneira, valores tipicamente aplicados no seio familiar eram praticados dentro da Escola Santa Terezinha, em uma demonstração clara que a instituição vinculava os valores da família com a rotina de um estabelecimento de ensino pautada em uma metodologia tradicional.

As mestras não só se preocupavam com as praticas das boas maneiras, como também se voltavam para orientar aqueles que tinham problemas com a higiene pessoal. Ensinava a todos o jeito certo de se lavar durante o banho, limpar as orelhas, vestir-se e amarrar os cadarços.

Um traço marcante no cotidiano da casa Escola Santa Terezinha, era a religiosidade, através da fé católica que se fazia presente em todos os momentos no convívio com as mestras e seus alunos naquela instituição. Mas antes de adentrarmos nesse aspecto, busquemos entender melhor a origem da implantação do Ensino Religioso no Brasil, e o significado da palavra religiosidade na sua concepção metalinguística.

De acordo com CURY¹⁶ (2006), à etimologia do termo religião, donde procede ao termo religiosidade, que pode nos dar uma primeira aproximação do seu significado.

Religião vem do verbo latino religare (re-ligare). Religar tanto pode ser um novo liame entre um sujeito e um objeto, um sujeito e outro sujeito, como também entre um objeto e outro objeto, bem como ao sagrado ou divino.

A presença do ensino religioso nas escolas de primeiras letras em nosso país é datada em 1827,¹⁷ expressa na lei que regia a educação pública durante o período imperial e ao longo dos anos, foi sofrendo varias alterações de acordo com as constantes mudanças de regimes políticos e dos ideais de cada grupo que se revezavam no poder. A República instaurada em 1889 põe fim ao regime monárquico e, por estar assentada em princípios positivistas, transforma o Brasil em um país laico, separando definitivamente a Igreja Católica do Estado, decretando o fim do ensino religioso e só voltando a se aproximar no ano de 1930, quando o então presidente Arthur Bernardes, recorreu à Igreja Católica para conter a onda revolucionária e buscar promover o progresso nacional, tendo como resultado disso, a nomeação de Francisco Campos para o ministério da Educação e Saúde, onde elaborou um projeto de decreto lei que reintroduzia o ensino religioso nas escolas públicas da nação.

A população brasileira viu esse processo de retorno do ensino religioso no Brasil se acentuar também na chamada “Era Vargas”, que, na tentativa de obter o apoio da Igreja Católica, para o seu “recém-nascido” “Estado Autoritário”, ampliou a licença para as escolas públicas ministrarem o Ensino Religioso. Assim, a ampliação permitiu que a Igreja Romana reconstituísse o modelo de cristandade e se afirmasse como religião oficial. Para tanto, foi

¹⁶ CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. Revista Brasileira de Educação, Set /Out /Nov /Dez 2004 Nº 27

¹⁷ Art 6. Alei determinava que em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos haveria escolas de primeiras letras que fossem necessárias. O número delas e sua situação seriam indicados pelos presidentes em conselho, obtidas as câmaras municipais respectivas. Nela os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, [...] e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião catholica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a história do Brasil [...] (IMPÉRIO DO BRASIL, Documentos complementares do Império do Brasil (15 de outubro de 1827).

criada a Liga Eleitoral Católica com a finalidade de apoiar as principais reivindicações da Igreja que deveriam ser contempladas na nova Constituição, sendo uma delas, o voto feminino.

De acordo com (Oliveira, 2007), em 1964, instaura-se o Regime Militar, e em 1966, é encaminhado o Projeto da nova Constituição que contemplava os objetivos do regime ditatorial. “Tendo sido outorgada em 1967 a nova Constituição e estabelecida a sua Ementa em 69, devido ao aumento da autocracia, o Ensino Religioso pelo Ato Institucional n. 5, artigo 176, parágrafo 3, se tornou de matrícula facultativa, devendo ser ministrado nos horários normais das escolas públicas, de níveis primário e médio”.

A Escola Santa Terezinha se desenvolve em meio às polêmicas e discussões acerca da presença do ensino religioso no sistema público de ensino, e que de certa forma, a sua presença influenciou a formação das mestras em relação às práticas do cotidiano da casa-escola, porque vinham de famílias católicas e suas práticas foram reforçadas nas suas escolas de formação, administradas por docentes, em sua grande maioria, pertencente ao credo católico. Sem dúvida, a polêmica sobre a permanência ou não do ensino religioso nos estabelecimentos de ensino, não afetava muito as mestras, devido a sua clara devoção à Igreja. Por outro lado, o credo católico não encontrava resistência entre os alunos da Escola Santa Terezinha, devido a sua totalidade comungar dos mesmos postulados.

Essa afirmativa se torna mais forte quando ouvi de alunos, amigos e vizinhos sobre as novenas em louvor a Nossa Senhora, realizadas no mês de maio nas dependências da casa-escola, e as trezenas em homenagem a Santo Antônio, seguida de grandes festas, onde os familiares dos seus alunos faziam questão de colaborar e participar. Durante esse período, a rotina da escola, era alterada, pois todas as ações estavam voltadas para os eventos religiosos.

Os alunos durante as aulas de Religião aprendiam a rezar o terço, entoar cânticos, recebiam orientações litúrgicas e eram preparados para receber os sacramentos iniciais como primeira comunhão e crisma. Então, com a chegada do mês de setembro, a casa novamente se iluminava para a realização do tradicional caruru de São Cosme e Damião, mesmo quando a data caía em dia letivo.

Quando chegava o período natalino, as mestras montavam um grande presépio que era aberto à visitação, isso, fazia parte das grandes atrações do natal da cidade e no dia 23 e 24, pois a casa-escola realizava uma celebração em louvor ao menino Jesus.

Como toda escola, a Santa Terezinha, tinha um calendário escolar de 180 dias letivos e eram divididos em quatro unidades distintas, onde, o final de cada uma delas era marcada pela semana de provas. Durante essa semana, as mestras convidavam professoras normalistas para participarem do processo, elaborando e aplicando as avaliações com objetivo de analisar o avanço dos alunos nos seguimentos que estavam matriculados. As professoras convidadas eram Alice Silveira Varjão “Alicinha”, Ana Brandão, Auriana Carvalho, Mirian Muricy, etc... Todas pertencentes à rede pública estadual de ensino.

Após a semana de avaliações, as mestras, assessoradas pelas citadas normalistas, traçavam planos para a melhoria do aprendizado dos alunos destacando os problemas apresentados individualmente por cada um dos alunos da escola, para em seguida equacionar o problema de aprendizado.

E finalmente, após as quatro unidades, especificamente em dezembro os alunos recebiam o resultado dos esforços realizados ao longo do ano. A escola apresentava um rendimento de 100% de seus alunos e aqueles que as famílias desejavam retirá-los da instituição saíam com um atestado de proficiências comprovando que o seu portador detinha as habilidades e competências para cursar a série para a qual buscava vaga. E esses alunos eram bem vistos pelas unidades escolares da cidade, pois apresentava um alto grau de disciplina, obediência, e civilidade.

A Escola Santa Terezinha, cumpria, ao final de todo ano letivo o objetivo para o qual fora criada, educar e instruir.

A Disciplinarização: Castigos e o uso da palmatória

A escola brasileira como instituição surge sob a égide da hierarquia e da vigilância, e a criança para ser protegida é submetida a um sistema paternalista, autoritário e dogmático pautado em normas disciplinares rígidas que garantem a submissão e a obediência que é considerada uma virtude.

“Sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame... O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obriguem [pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se apliquem...]. Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micro penalidades do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da

maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações.” FOUCAULT, Michel. 1989. P.153,15

Durante o século passado o autoritarismo era algo presente nas relações familiares, e isso era um reflexo nas afinidades do binômio professor-aluno. Devido à escola representar naquele período a segunda casa do aluno, e o professor naquele espaço assumir a figura paterna, cabia a ele conduzir as crianças não só ao aprendizado das primeiras letras, mas também discipliná-lo para se tornar flexível às normas da sociedade em que ele estava inserido. Para os pais, a escola era extensão do lar, cabendo ao mestre dar seguimento à educação iniciada no seio familiar em conjunto com a instrução escolar, e para tanto, era necessário criar dispositivos e métodos que induzissem o aluno a executar as tarefas escolares aplicadas pelos docentes, com a atenção e o respeito que eram exigidos, se fossem solicitados pelos seus pais.

A criança nesse período era considerada um adulto em miniatura, e como tal, deveria ser adestrada segundo os padrões e as regras de convivência social em que os adultos viviam. Partindo desse pensamento, a educação primava pela disciplinarização da mente e do comportamento das crianças, e quanto mais rigorosas fossem as regras, mais disciplinadas eram as crianças. Para atingir esse objetivo os mestres laçavam mão dos castigos físicos e psicológicos, pois a educação empreendida nessa época era lógica e tinha seus objetivos muito claros, que era fazer a criança aprender o conteúdo do currículo escolar, assim, como as regras de convivência social. Segundo MIRANDA (1998), “*E para tanto, não se admitia a desobediência, não se admitia escusas, nem replicas, era a submissão absoluta, pronta e muda*”.

O método escolar baseado em atividades repetitivas e na memorização foi utilizado inicialmente no Brasil colonial pelos Jesuítas, e logo depois disseminado ao longo do tempo, a partir do governo imperial para todas as escolas da nação, perdurando-se até o terceiro quartel do século XX, com ênfase no domínio do corpo e a disciplina do silêncio, exaltando as virtudes pedagógicas da memória. Devido a essa afirmativa, me senti obrigado a lembrar, que, apesar do Brasil já contar com a presença do método da escola Nova, as práticas pedagógicas tradicionais de origem jesuíticas permaneceram em voga durante muito tempo em nosso país, principalmente nas unidades escolares inseridas no interior do semi-árido nordestino.

O professor com o objetivo de manter a ordem e a disciplina sob seus alunos, não abria mão de utilizar o recurso da repressão através do emprego imperativo da palmatória e de outros castigos físicos. Segundo SOUSA (1998), a palmatória e outras formas de castigos físicos eram utilizadas para manifestar autoridade, asseverando que:

“A exigência da memorização mecânica aparece como marco execrável do mau professor e estava também associada à sua emblemática relação com uso da palmatória. Não há memória de alunos daquele tempo que não relate um terrível encontro com a fêrula. Ora era aplicada nos alunos desatentos, ora aos recalcitrantes, ora manifestava o arbítrio ou mau humor do professor, ora era aplicada nas sabatinas, nos malfadados dias de quinau... Condenada por Lei do Império, a palmatória era vista, porém, entre os professores como um mal necessário... A palmatória e o castigo físico eram condizentes com a única forma social reconhecida de manifestação de autoridade, espelhava a brutalidade das relações do domínio da época, na política, no trabalho, no exército, na família e no casal; a palmatória no imaginário social, comportava-se como um emblema da profissão docentes, enquanto expressão do direito legítimo de comando, uma espécie de crédito moral suplementar emprestado aos mestres pelas famílias”. SOUSA, 1998. P. 83,85,86

Há de se levar em conta, que durante o apogeu do uso dos castigos e da palmatória, as ciências educacionais desconheciam a psicologia da criança e do adolescente, muitos alunos eram taxados de “problemáticos” ou “difíceis” por causa do seu temperamento e sua forma idiossincrática, e as regras a eles impostas, não eram obedecidas de maneira satisfatória, cabendo ao mestre lhes mostrar o caminho correto para trilhar no universo escolar ao qual pertencia.

Muito tempo depois é que a psicologia se desenvolveu na área das ciências educacionais, e veio em socorro daquelas crianças desajustada integrantes do sistema tradicional, possibilitando uma nova visão à sociedade, em especial, aos trabalhadores da educação. A psicologia educacional afirma que os ensinamentos baseados no autoritarismo, não formam um indivíduo de pensamento criativo e dinâmico, tão necessário para a sociedade do trabalho. Porém, a psicologia, por si só, não teve forças suficientes para mudar o quadro da educação, mesmo contando com a força da lei, o que já estava arraigado no seio da sociedade desde 1827 quando o Decreto Imperial aboliu o uso de castigos físicos nas escolas. Mas, do imaginário coletivo, não seria abolido de um momento para o outro, foi necessário à ação do tempo, para desfazer essa visão de educação baseada no castigo severamente aplicado e no uso da palmatória.

Analisando o cotidiano da Escola Santa Terezinha, não podemos enquadrá-la na categoria de escola opressora e qualificarmos suas mestras como más, devido ao método aplicado ser ainda reflexo do jesuítico catequético, e o emprego da palmatória, do butim e de

uma diversidade de castigos físicos, fazerem parte do cotidiano e da cultura escolar daquela instituição. Em nenhum dos relatos de ex-alunos, amigos e pais de alunos, fui informado se presenciaram alguma vez as mestras irritadas ou se houve o abuso desses métodos para disciplinar os seus alunos, muito pelo contrário, o ambiente e a relação entre professor e alunos eram movidos de muito respeito e amor. Prova disso, é que muitos alunos ao saírem da escola, sempre que podiam, voltavam, outros ainda as visitavam mesmo depois de casados.

Para melhor entender como eram empregados os métodos de disciplinarização, analisemos a seguinte afirmativa da mestra Maria de Lourdes Militão: *“Na minha escola não se maltratava os filhos dos outros. Agora, precisou, apanhou”*.

O que levava um aluno a ser castigado na “escola das Militão” era o que elas chamavam de “danação”, alunos que desrespeitavam os pais, os mais velhos, que não cumpriam com os afazeres escolares e que agiam com rebeldia e indisciplina. As mestras utilizavam determinados critérios para a aplicação dos castigos, como por exemplo: Não trouxe a tarefa de casa pronta, ficava de joelhos no canto da sala ou se brigasse com algum dos colegas, ficava de joelhos no milho no cantinho da sala. A palmatória era aplicada na maioria das vezes nas aulas de matemática e português. Vejamos o relato da ex-aluna Maria Martins da Silva¹⁸

[...] “Tia” Di me chamou para fazer algumas contas no quadro negro, só que não acertei. A “tia” Di então começou a me dá “bolos” com a palmatória. A “tia” Lourdes então fez a conta por mim, só para eu não apanhar mais (Fez isso escondido). A “tia” Di ficou impressionada com a rapidez com eu conseguir aprender e me liberou. Sinto saudades delas ALMEIDA. 2001. P.164

Diante do relato da ex-aluna, percebe-se que havia moderação no uso da palmatória por parte das mestras, onde uma vigiava as atitudes da outra para evitar o abuso no uso do instrumento, pois o objetivo não era espancar, e sim disciplinar o aluno, buscando sempre o aprendizado responsável, sem descaso. Por outro lado, podemos perceber a preocupação maternal de “tia” Lourdes quanto aos “bolos” aplicados na aluna, vemos aflição estampada em sua alma de mestra, pois o ato de burlar a regra demonstra um sentimento de extremo zelo por seus alunos.

Entretanto, fico me perguntando, por que “tia” Di usou a palmatória na aluna que não conseguia resolver as contas de aritmética no quadro? Acredito que isso se deu por causa das

¹⁸ O relato de Maria Martins da Silva se encontra na obra *E tu me amas?* Organizado pela profª Rose Mary Ferreira de Almeida publicada pela Direc – 28 em Sr. do Bonfim.

prioridades da instituição, porque a Escola Santa Terezinha primava pelo aprendizado concreto do aluno e suas crianças não eram aprovadas sem elas terem certeza que estavam aptas a frequentar a série subsequente. Devido a esse capricho no trato com seus alunos, não foram encontradas casos de repetência na escola. Analisemos a declaração da mestra Maria de Lourdes Militão acerca do nível dos alunos da casa-escola Santa Terezinha.

[...] Ensinávamos do ABC até a 4ª ano primário. Os meus meninos do 2º ano primário, sabiam somar e subtrair otimamente bem. Os meninos do 3º ano sabiam as quatro operações fundamentais; os meninos do 4º ano sabiam as quatro operações fundamentais, máximo divisor comum, mínimo múltiplo comum, frações ordinárias, frações decimais, regra de três simples e composta até cubagem eu ensina. Trecho da entrevista de Lourdes Militão, concedida ao radialista Tito Rocha realizado no ano de 1998.

Percebemos na fala da mestra que a casa-escola conseguia realizar, mesmo em condições precárias, se comparado com as instituições escolares atuais, alfabetizar na idade certa e ao final do ensino primário ele já possuía as habilidades e competência necessárias para cursar de forma satisfatória o ensino ginásial. Situação inversa das instituições de ensino atuais da rede pública, onde não é difícil encontrarmos alunos frequentando classes primárias e ginásiais que sequer foram alfabetizados.

Entre os entrevistados, muitos atribuíram essa façanha ao método aplicado pela instituição, que ensinava com o foco na disciplina e no rigor das regras empregadas pelas mestras objetivando o aprendizado escolar. A disciplina severa aplicada pela instituição aos seus alunos era tão notória que as famílias que possuíam crianças desajustadas, buscavam matricular seus rebentos na esperança de disciplinar-los pelas mãos das afamadas mestras. Podemos balizar essa afirmação em cima da declaração da senhora Vivaldina Terra Nova, contida na obra “E tu me amas?”, que fora contemporânea das mestras.

[...] os alunos mal comportados nas escolas comuns eram matriculados pelos pais na “escola das Militão” e todos ficavam com medo, porque lá as professoras eram rígidas. Quando os alunos desobedeciam, as professoras castigavam, botando-os de joelho em carochos de milho. Faziam sabatina e se o aluno não acertasse levava palmadas com palmatória e, do castigo, saía somente quando soubesse tudo. Alguns doutores já estudaram lá, e era muito bom, por assim todos aprendiam mais rápido e todos gostavam muito da escola. Elas eram especiais. ALMEIDA, 2001.P.163

Assim, aquilo que era costume chamar-se de castigo escolar, atrevo-me a afirmar, através do estudo das práticas da “casa-escola das Militão”, que se tratava de disciplinarização infanto-juvenil, pois, o foco era o aprendizado, e para tanto, os métodos e instrumentos

disciplinadores serviam como estímulo ao cumprimento dos seus deveres escolares, principalmente quando o aluno tinha uma índole preguiçosa, produzia pouco e se concentrava apenas no que lhe interessava. Então, a escola se apropriava desses métodos para mantê-los alertas e implantar neles um senso de responsabilidade escolar.

Analisar o método das mestras com o pensamento voltado para as novas metodologias de ensino e achar que, o que era feito nesse estabelecimento era tortura, é agir de forma anacrônica, utilizando pensamentos e teorias que para aquele universo não existia, e se existisse não sortiria efeito, pois o *status quo* da época permitia que se agisse dessa maneira com as crianças do período. Nem todo aluno da Santa Terezinha apanhou de palmatória ou recebeu botinadas¹⁹, porque só quem sofria essas punições eram os alunos relapsos, que logo se acostumavam com as regras e a disciplina praticamente de caserna, e então começavam todo o processo de desenvolvimento das competências e habilidades.

O aproveitamento dos alunos da “escola das Militão” era sem sombra de dúvida muito superior ao desempenho das escolas de hoje. Ao final de cada ano letivo as suas crianças passavam por exames do semestre com observadoras de outras escolas, e, o resultado, sempre fora satisfatório, todos os alunos do curso de admissão da “escola das Militão”, ao prestar prova para as escolas dos Maristas e Sacramentinas passavam com louvor e com alto rendimento e isso sempre se repetia, pois a pérola da disciplina e da responsabilidade já estava lapidada na alma das crianças oriundas daquele estabelecimento de ensino.

Assim, na escola Santa Terezinha, apesar do ensino rígido, primava-se, antes de qualquer coisa, pelo ensino com amor. A maior prova disso é que muitos dos alunos que estudaram com as “tias” Di e Lourdes, sempre apareciam para visitá-las e diminuir um pouco a saudade, isso se dava porque havia o reconhecimento que a casa-escola não era apenas uma escola, era acima de tudo um lar, onde muitos viveram seus dramas familiares e nunca sucumbiram devido ao exemplo de força que eles enxergavam na figura de suas mestras, e, se observássemos, hoje, á luz das teorias educacionais atuais, as crianças que estudassem em uma casa escola como a Santa Terezinha, teriam dificuldades de adaptação e os seus mestres com certeza seriam responsabilizados criminalmente pelo uso dos antigos métodos.

¹⁹Botim: Varinha de madeira com uma bola de cera na ponta, utilizada para castigar os alunos que se comportavam mal, ou erravam as questões em provas orais ou sabatinas.

CAPÍTULO III: “O Imaginário popular e a eficiência da Escola Santa Terezinha”

Neste capítulo discorrerei a cerca dos relatos e das intervenções, associados aos resultados das análises de entrevistas realizadas, que evidenciam no imaginário dos bonfinenses e reconhecem na imagem da escola das irmãs Militão, um exemplo de instituição que cumpria os objetivos educacionais, que deveriam ser alcançados por uma instituição escolar de qualidade, no entendimento daquela sociedade.

Segundo (MELLO S/D)²⁰, o vocábulo “imaginário” no latim se grafa *imaginariu*, que significa: imaginação que se compõe por imagens mentais daquilo que a mente (consciência) representa sobre objetos ausentes, isto é, a capacidade que todos temos de inventar e/ou criar. Sendo assim, é responsável pela união das representações mentais feitas, definindo-se como espaço ao qual se localiza a mente. Podemos dizer, então, que o imaginário é tudo que não podemos estabelecer fronteiras entre o real e o que é parte daquilo que estamos imaginando.

O imaginário define-se como representação incontornável, a faculdade da simbolização de todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde cerca de um milhão e meio de anos que o homo erectus ficou em pé na terra. (DURAND, 2001, p. 117)²¹.

O imaginário, segundo DURAND (2001), é uma construção psicológica que têm em sua gênese os eventos humanos que marcam de alguma forma a mente coletiva de determinado grupo social em certa localidade, formando assim, lembranças positivas que servem de parâmetros daquilo que, para a coletividade, é reconhecido como modelo de sucesso, e que contribui para construção do orgulho coletivo local.

No que se refere ao imaginário coletivo do bonfinense, no caso aqui estudado, percebemos que ele é uma criação motivada pela mentalidade do cidadão sobre a imagem da Escola Santa Terezinha e seu desempenho na educação das crianças e jovens da cidade, que

²⁰ MELLO, Itiane Elena de. O IMAGINÁRIO NO COTIDIANO ESCOLAR. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil. S/D

²¹ DURAND, Gilbert. O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

no passado era conhecida como uma unidade de ensino eficaz, no tocante ao letramento nas turmas de ensino primário.

Para os nossos entrevistados a “escola das Militão” marca o pensamento população sobre a educação de Senhor do Bonfim, e acredito que isso se dá devido ao estado precário em que se encontra o sistema público de educação dos dias atuais, onde a população bonfinense vive mergulhada em um universo de eventos violentos envolvendo professores, que a cada dia comprovam o processo de desvalorização ao qual a categoria vem passando.

Diante desse quadro desanimador, ainda são obrigados a conviver com a existência de um “sem números” de unidades escolares que não conseguem desempenhar a função para a qual foram criadas, que é a de ensinar aos seus alunos a ler, escrever e realizar de maneira satisfatória as quatro operações matemáticas, possibilitando-os caminhar de forma adequada em sua trajetória estudantil.

É crescente o número de crianças e jovens em nosso país, (em especial na localidade de Sr. do Bonfim) que sequer sabem escrever corretamente uma frase, mesmo estando matriculados em uma instituição de ensino. Essa situação vem possibilitando cada vez mais a população a se voltar para o tempo áureo da atuação da casa-escola Santa Terezinha, onde alunos que se prezavam não faziam contas nos dedos, nem gaguejavam durante a leitura e essa afirmação é muito forte nas falas dos nossos depoentes a exemplo do senhor Waldemar R. Cardoso, que nos informa:

JR - Se houvesse uma escola hoje do tipo das Militão, a juventude teria algo a ganhar?

Waldemar – Teria sim, mas como a lei de hoje é diferente e esses alunos xingam as professoras e não tem respeito por ninguém, mas se ainda tivesse uma escola igual as Militão acredito que o estudo era outro! Você tá vendo aí, tem muitos que fazem o Enem e não passam e os que passam se formam e não sabem nada. Waldemar R. Cardoso entrevista concedida ao pesquisador no dia 21/01/12.

Em sua fala o depoente é muito claro quanto a sua posição sobre o ensino fornecido nas escolas atualmente, deixa claro que as unidades escolares não cumprem o seu papel de maneira satisfatória, e vai além, coloca valores que na “escola das Militão” eram amplamente difundidos, como exemplo, o respeito pelas pessoas e professores, bem como a qualidade do ensino prestado aos alunos dos dias atuais. Essa visão ocorre devido aos péssimos resultados obtidos pelo sistema educacional de hoje.

Analisei alguns dados do IDEB²² (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e constatei que são desanimadores se comparados com o índice de outros países da América do Sul, como a Argentina e Chile. Segundo o INEP²³, os desempenhos dos alunos do Sistema de Educação Nacional obtiveram a nota global de 5,3 onde o governo tem como meta atingir a nota 6,0 que é a média mínima praticada nos países considerados desenvolvidos. Observando a média conseguida, aparentemente parece que a educação do Brasil vai caminhando a passos largos para um sistema eficaz de educação, contudo, não é bem assim, pois se analisarmos os índices pelo viés do desempenho dos municípios, percebemos que há algo de muito errado nessa suposta melhoria da educação Nacional.

Agora vamos avaliar o desempenho da cidade de Senhor do Bonfim no ano de 2013, para tentar compreender a visão da população acerca da precariedade do ensino atual e o fracasso das escolas públicas brasileiras, que levam a comunidade bonfinense ainda a enxergar na Escola Santa Terezinha um modelo escolar eficiente e eficaz, provocando saudades naqueles que conviveram ou foram alunos dessa instituição.

Vejamos os indicadores educacionais alcançados pelas escolas bonfinenses e que possuem turmas de 4ª série ou 5º ano do Ensino Primário.

Tabela 03

IDEB OBSERVADO						METAS PROJETADAS				
Município	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2015
Senhor do Bonfim	2,9	3,5	3,4	3,6	3,2	3,0	3,3	3,7	4,0	4,3

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado> Acesso: 23/11/2014.

De acordo com os resultados divulgados pelo INEP as escolas do município de Senhor do Bonfim, apresentam indicadores abaixo da média nacional que é de 5,3 onde as metas projetadas também não são animadoras, pois é um percentual ainda bem abaixo do aproveitamento nacional divulgado no ano de 2014. Houveram apenas dois anos em que as metas projetadas foram superadas, refiro-me aos anos de 2007 e 2009, porém, mesmo assim, ainda são abaixo do índice nacional.

Baseado nos indicativos do Ensino Fundamental I (Primário) busquei analisar os resultados do Governo Federal sobre as turmas de Ensino Fundamental II, conhecidas

²² O IDEB é um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou Saeb) – obtidos pelos estudantes ao final das etapas de ensino (4ª e 8ª séries do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio) – com informações sobre rendimento escolar (aprovação).

²³ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

antigamente como ginásio. Para o INEP, a média global das turmas de 8ª séries / 9º ano, foi de 4,2 em 2013 sendo que a média projetada seria de 4,4, portanto, abaixo do esperado.

Agora avaliemos o aproveitamento para essas turmas na cidade de Senhor do Bonfim:

Tabela 04

IDEB OBSERVADO						METAS PROJETADAS				
Município	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2015
Senhor do Bonfim		2,8	2,4	2,6	2,5		2,9	3,1	3,4	3,7

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/> Acesso em 23/11/2014

Conforme os dados informados pela tabela acima, podemos constatar que o aproveitamento das turmas de conclusão do Ensino Fundamental II, são mais preocupantes se comparados com os índices do Ensino Fundamental I, pois se os indicadores são desanimadores, os das turmas de 8ª séries / 9º ano são ainda mais inquietantes, porquanto os índices serem mais baixos do que o anunciado na sua totalidade nacional para esse segmento que é de 4,2.

Percebi que o governo apesar de fazer declarações e projeções animadoras para os municípios que estão abaixo da meta estabelecida e do objetivo global anunciado no ano de 2014, encontrei a exceção de 2021, segundo o IDEB, em que a meta projetada é de 4,6 que está um pouco acima do índice divulgado atualmente e da maneira como se encontra o ensino municipal atualmente, há o risco de não atingir a projeção divulgada.

A publicação desses dados reforça ainda mais o saudosismo existente nos moradores de Senhor do Bonfim sobre a “Escola das Militão”, onde a repetência não existia e alunos incapazes, eram praticamente impossíveis de ali se encontrar, devido a brilhante atuação das mestras, que se preocupavam em fazer seus alunos desenvolverem-se na vida escolar, promovendo a satisfação da família por um trabalho bem feito.

Outro fator que reforça o destaque da Escola Santa Terezinha, como “escola modelo” no imaginário da população bonfinense, é o aumento dos sucessivos casos de violência contra professores em nosso país.

Senhor do Bonfim é uma cidade pacata, com aproximadamente 76 mil habitantes, segundo dados do último censo do IBGE²⁴ divulgados em 2013, mas, essa condição não a torna imune aos registros de casos de violência escolar, tendo como vítima os professores da

²⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

rede pública ou privada. O problema é que os professores agredidos pelos seus alunos, na sua grande maioria, não registram boletins de ocorrência sobre o ato de violência sofrida, muitas vezes por medo de perder o emprego ou temendo pela própria vida.

Fazendo uma pequena busca pelos meios de comunicação existentes, não é muito difícil encontrar matérias de jornais eletrônicos, rádio e emissoras de televisão relatando à população casos de violência contra os professores. A população bonfinense, saudosa das irmãs Militão, ainda conserva determinados valores morais em sua comunidade e conviver com tanta violência, em especial contra docentes, é de fato estarrecedor. Esse sentimento de indignação é notório de forma muito consistente no relato extraído do depoimento da Senhora Eulália Guimarães²⁵ que afirma:

“A escola que frequentei era muito diferente das de hoje, os alunos respeitavam os professores como se fossem seus pais. Não se tinha notícia de que um aluno xingou ou bateu em um professor! Hoje vejo tanta coisa errada nas escolas... olha bem, outro dia ouvir no jornal, um aluno que agrediu o professor por causa de uma nota, ver se pode isso gente, judiação!” Entrevista concedida ao pesquisador no dia 20.10.2011

Como vimos, a escola do passado era bem diferente das atuais onde os valores morais estavam presentes no ambiente escolar e o mestre tinha uma imagem mais valorizada, pelo menos no aspecto moral e disciplinar. Hoje, percebemos que esses dois aspectos pouco são respeitados pelos alunos e demais membros da comunidade escolar, a exemplo de direção e coordenação que agem de forma permissiva nos casos de desrespeito ao professor. Percebo que os professores são tratados com extremo desprezo e muitos são vítimas de apelidos depreciativos e coisas do gênero.

Busquei junto à coordenadoria da Polícia Civil de Senhor do Bonfim, registros de casos de violência contra o professor e não encontrei nenhum, mas, não fui tão ingênuo de pensar que era porque não existia. Insisti, junto ao policial que me assessorava nessa busca, e ele afirmou que, há muitos casos, mas que as vítimas não registram queixas por medo de perderem seus empregos ou serem alvo de perseguições por parte de familiares dos agressores. Visitei o sindicato dos professores da citada cidade, e o presidente preferiu não responder nenhuma de minhas perguntas, alegando não ter um estudo sobre esse tipo de situação.

²⁵ A depoente faleceu no dia 30 de março de 2012 aos 86 anos.

Mas pesquisando na rede mundial de computadores, encontrei um estudo sobre o assunto intitulado “Violência contra os professores”, encomendado pelo SIMPRO/RS²⁶ que constatou que a desconstituição da autoridade do professor e as atividades de trabalho sem remuneração são os principais constrangimentos presentes no cotidiano docente, seguidos da ingerência na avaliação dos alunos e na ação pedagógica, relatando também, que estes constrangimentos têm origem basicamente nos alunos, sem que os pais, por exemplo, sejam indicados diretamente por este tipo de atitude.

Além dos aspectos que já foram relatos, a pesquisa ainda revela outros tipos de violência contra o professor, que no ambiente da Escola Santa Terezinha jamais aconteceria, como por exemplo, o comportamento inadequado, alunos se referindo aos professores utilizando termos ou apelidos depreciativos e agressões físicas.

Diante do que foi revelado na pesquisa do SINPRO/RS percebi que se essas ocorrências fossem no Espaço escolar das Militão, com certeza os agressores seriam punidos severamente, por que essa era uma postura inadequada para o quadro disciplinar da instituição, pois, o ambiente era permeado por uma rígida disciplina imposta pelas mestras, por isso, os educandos precisavam praticar as regras disciplinares daquele espaço.

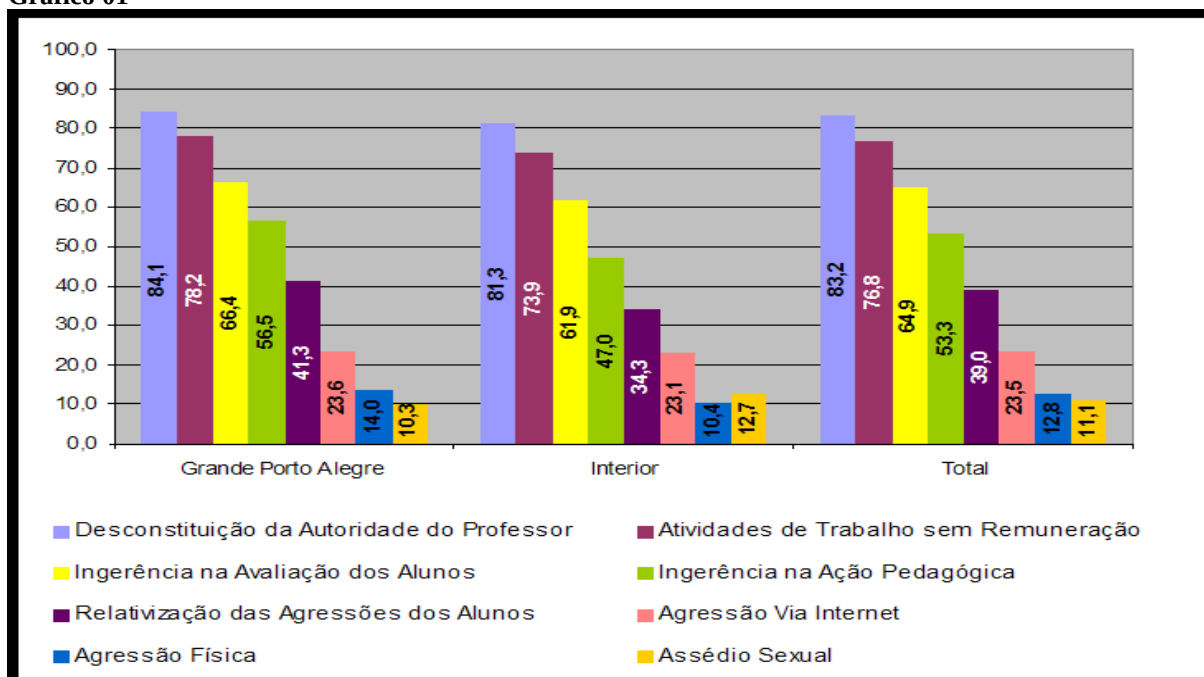
Como bem informou a própria Lourdes Militão, “aluno meu não responde mal ao mais velho, e se precisar apanha!”²⁷ essa afirmação demonstra bem o que era o modelo disciplinar da casa-escola, e havendo casos como os que a pesquisa revela com certeza essas crianças sentiriam o peso da mão disciplinadora das mestras Militão, e a estatística teria um outro resultado, se pensarmos como os cidadãos bonfinenses, sobre o sistema educacional atual em comparação com o período de atuação da Escola Santa Terezinha.

Baseado nessa pesquisa, temos um gráfico que demonstra muito bem o índice de violência contra os professores do Rio Grande do Sul, e que posso utilizá-lo para reforçar a minha afirmação, já que não tenho um levantamento científico sobre a violência praticada por alunos na cidade de Senhor do Bonfim.

²⁶ Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul.

²⁷ Trecho retirado da entrevista concedida ao radialista Tito Rocha em 1998.

Gráfico 01



Fonte: www.sinprors.org.br

O gráfico²⁸ sobre a violência no estado do Rio Grande do Sul apresenta valores percentuais para cada motivo de agressão praticada contra docentes no Estado gaúcho, que aponta como causas mais frequentes a descontinuidade da autoridade do professor e atividades de trabalhos no meio escolar que não remuneram o docente (projetos pedagógicos, feiras, gincanas, etc.). Mas, o que me chamou a atenção foram os índices de relativização das agressões dos alunos, que atinge o valor de 41,3% em Porto Alegre e 39,0% no interior.

Como vimos, os resultados da pesquisa acima, demonstram a precariedade do sistema educacional do país, onde seus resultados contribuem para que o descrédito da comunidade seja cada vez maior. Em contra partida, observo que o cerne do problema não está na estrutura física e pedagógica, mas na aplicação dos valores morais que a sociedade atual parece desconhecer, sendo que era a escola a mantenedora desses valores, inicialmente aplicados no núcleo familiar e reforçados na escola, papel muito bem desempenhado nas dependências da Escola Santa Terezinha.

Sabe-se hoje que o acesso à universidade está muito mais democrático do que há cinco décadas, mas na visão dos depoentes, mencionar profissionais de destaque na sociedade bonfinense e que tiveram a oportunidade de serem alunos da Escola Santa Terezinha é uma forma de atestar a qualidade do serviço prestado à educação da cidade pela instituição, assim

²⁸ O gráfico foi retirado do artigo intitulado “Violência Contra os Professores” que apresenta o resultado de um estudo encomendado pelo sinprors.org.br. Acesso em 22.09.2014.

como, é um indicativo muito forte do apreço e do saudosismo que a população local nutre pelas mestras Militão e a sua casa-escola.

Para a população bonfinense, não se pode pensar em uma educação de qualidade se as escolas não priorizam os valores morais, que, inicialmente, se aprende no lar e tem continuidade na escola. Como exemplo disso, podemos citar a religião, os hábitos de civilidade social e respeito pelo patrimônio público e principalmente pelas pessoas, predcados, que, segundo ela, não se aprendem mais na escola atual, devido a muitas leis que cercam os alunos e limitam a ação dos professores nos moldes do método aplicado na “casa-escola das Militão” no que se refere à formação do cidadão na escola.

No imaginário local, a Escola Santa Terezinha reunia todos os predicativos para a formação integral do ser humano, mesmo tendo sido fundada em uma estrutura que não fora preparada para abrigar alunos. Não se preocupam em resguardar as devidas proporções históricas acerca do período e do modelo social ao qual a época exigia, mesmo porque, eles não entendem, só conseguem enxergar os resultados obtidos pela instituição em face aos números da educação atual, apresentados pelo Governo Federal.

Acredito que é relevante se analisarmos pelo viés dos resultados alcançados pela casa-escola, mas, não devemos eleger os métodos aplicados na instituição como modelos ideais para educação atual, pois a Escola Santa Terezinha atuou em uma comunidade que no período aqui estudado, não apresentava os problemas sociais e morais que a cidades do seu porte apresentam atualmente, e mesmo porque a estrutura jurídica e pedagógica atuais são outras, dessa forma, não podemos utilizar os métodos que elas empregaram na sua época, pois correríamos sérios riscos de sermos processados com base no Estatuto da Criança e do Adolescente bem com, em um sem números de acordos internacionais que visa à proteção e a garantia dos direitos humanos.

JR – o que te faz sentir saudades da escola Santa Terezinha? JAS – pra te falar a verdade, eu não sinto saudade da escola não, pois não fui aluna, apenas frequentei a casa, como amiga, por que minha mãe adotiva, sempre que era convidada, participava da aplicação dos exames do semestre dos alunos de lá. Mas sinto saudades é do jeito delas agirem com os alunos, eram muito amorosas, mas se os moleques se “danassem” botim²⁹ neles! Ali era uma escola que apesar da simplicidade os alunos aprendiam mais que os de hoje, aliás, os alunos não sabem é nada, eu tenho um neto que tem 9 anos e não sabe nem contar. Trecho de entrevista concedida ao pesquisador no dia 21/07/2012.

²⁹ O botim era uma varinha com uma bola de cera na ponta usada para castigar os alunos que não cumpriam com os seus afazeres.

Gostaria de chamar a atenção para uma afirmação que para depoente, é secundária, mas me pareceu bastante importante, pois mesmo declarando que sentia falta da maneira como elas agiam com seus alunos, ao mesmo tempo afirma a excelência do serviço prestado pelas mestras às crianças locais, fazendo um comparativo com seu neto que estuda em uma escola da cidade e com nove anos ainda não foi alfabetizado.

De fato o que ainda permanece na memória da população de senhor do Bonfim, são os resultados alcançados por duas mestras - escolas que ao longo de cinquenta anos, mantiveram um aproveitamento de ensino que nenhuma escola atual tem conseguido alcançar. Para muitos, que não conheceram ou não tiveram a oportunidade de conhecer uma escola doméstica, são aparelhos de condições precárias, em vista de estruturas próprias para o exercício das funções educacionais e mesmo assim, elas conseguiram atingir resultados que é o objetivo de toda escola.

Ganhavam pouco pelos serviços prestados e concorreram com os grandes colégios particulares da região a exemplo de Maristas e Sacramentinas, e nunca deixaram de ter sua clientela, onde, segundo MIRANDA (1998) “se fosse do gosto do povo teriam alunos até no teto da casa”. A confiança da comunidade era tanta, que entre os seus alunos encontrava-se desde filhos de famílias mais humildes até as mais abastadas, provando que gozavam do respeito e confiança de vários setores da sociedade bonfinense.

Finalmente, acredito que a permanência da Escola Santa Terezinha como exemplo de sucesso no imaginário de boa parte da população de Senhor do Bonfim, se deu também por conta dos resultados alcançados por aquele estabelecimento, funcionando de modo simples e conseguindo atingir resultados que as atuais escolas não conseguem atingir, e esse é o grande fator que torna a “Escola das Militão” como referência de ensino de qualidade comprovada, para aquele período e que provoca saudades na comunidade.

Os moradores não se prendem as questões de tempo ou a mudanças sociais e culturais que envolvem os dias atuais, cada um deles se depara com escolas super equipadas, instaladas em prédios imponentes e com um corpo docente “qualificado”, enfim, todo um aparato tecnológico a serviço da educação, porém, com índices de aproveitamento bastante desanimadores, que os impulsionam cada dia mais, lembrar-se de maneira saudosista da casa-escola Santa Terezinha que contava com duas professoras classificadas atualmente como leigas, e que do alto de sua simplicidade e utilizavam métodos arcaicos. Conseguiram atingir o percentual surpreendente de alfabetização na idade certa e formar todos os seus alunos no

ensino primário, que atestavam suas capacidades com aprovações em um “sem números” de exames admissionais para o ensino ginasial.

CONCLUSÃO

Era uma residência humilde pertencente a uma família modesta onde funcionou a casa-escola Santa Terezinha, tinha sempre um número considerável de crianças que carinhosamente a chamavam de “Escola das Militão”. Primava-se pelo rigor da palmatória e pelo uso dos castigos físicos, mas, que também nos deixou uma grande lição de amor ao próximo, o respeito aos direitos do outro, compromisso com a causa da educação, honestidade, seriedade no que se propunham a fazer, entre outras coisas.

A pesquisa aqui realizada objetivou tentar compreender o modelo escolar ao qual a Escolar Santa Terezinha estava estabelecida, porque essa instituição sobreviveu até o terceiro quartel do século XX e como a sua atuação influencia nos dias atuais a mentalidade dos moradores de Senhor do Bonfim, como modelo de escola exemplar. O trabalho buscou, além disso, problematizar e entender como essa instituição escolar, baseada nas atividades de duas professoras leigas no município de Senhor do Bonfim, ainda exerce sobre o imaginário de uma parcela significativa da população, influência como exemplo típico de escola e professoras exemplares.

No início da pesquisa os indícios apontavam para a insuficiência de vagas no ensino público devido à baixa atuação do Estado e a existência de apenas uma instituição pública de ensino de primeiras letras, aliado a tradição local de abrigar grandes colégios particulares de origem cristã Católica que ao longo das verificações, as desconfianças foram se confirmando como um dos fatores que contribuíram para a longevidade da Escola Santa Terezinha. Mas, ao longo da análise, as fontes foram apontando para outra conclusão que aliada à primeira, é o ponto forte do resultado da pesquisa, que nos direciona para a compreensão que só a baixa oferta de vagas, não faria da casa-escola das mestras Militão longa na memória da população, pois como aquela instituição havia varias, casas-escolas prestando o mesmo serviço.

Conforme fui ouvindo e interpretando as minhas fontes³⁰, chegando à conclusão que, o fator que ainda provoca no imaginário da população bonfinense o sentimento saudosista e transforma a casa-escola Santa Terezinha em um modelo de sucesso pedagógico, foi à

³⁰ Ressalto ainda, que o resultado da pesquisa poderia ter sido bem mais satisfatório se não fosse à escassez das fontes orais e escritas, tais como diários e mapas de matrícula fotografia e documentos pessoais, pois tudo isso se perdeu quando da demolição da casa que abrigou durante cinquenta anos a casa-escola Santa Terezinha, bem como a morte de algumas pessoas que conviveram com elas, a indisponibilidades de um sem número de ex-alunos. Nota do autor.

capacidade de alfabetizar os seus alunos na idade certa, desenvolvendo as habilidades e competências pertinentes aos integrantes do ensino primário, bem como as disciplinando pautada nos valores morais que inicialmente são ensinados na família, e que as escolas atuais não conseguem aplicar, se refletindo nas altas taxas de repetência e evasão e aos que permanecem, estão sujeitos má formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rose Mary Ferreira. Religiões Católicas. In. E tu, me amas? Encontro de leitores e enamorados de Senhor do Bonfim. 1ª Edição, DIREC – 28, Sr. do Bonfim. 2001.

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Ana Maria Gonçalves Bueno de. Práticas dos castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano. Conjecturas, vol. 17 Caxias do Sul: 2012.

ARANHA, Maria Salete Fábio. A Escola. In Série: Educação Inclusiva. Ministério da Educação, Sec. De Educação Inclusiva, Brasília: 2004.

ARCE, Alessandra. Documentação Oficial e o mito da Educadora Nata na Educação Infantil. Cadernos de Pesquisa, nº 113, Ano: 2001.

AZANHA, José Mario Pires. Cultura Escolar Brasileira: Um programa de pesquisa. In: Revista USP, São Paulo: 1991, Nº 65.

BRASIL, Cristina Costa. História da Alfabetização de Adultos: De 1960 Até os Dias de Hoje. Artigo Universidade Católica de Brasília 2010. Internet: <http://www.ucb.br/sites/100/103/TCC/12005/CristianeCostaBrasil.pdf> Acesso em 30.12.2013.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos Sobre Mulher e Educação: Algumas Questões Sobre Educação. In: Cadernos de Pesquisa Nº 64 1988.

CAETANO, Maria Cristina; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. Ensino Religioso: Sua trajetória na Educação Brasileira. Dissertação de Mestrado: PUC – Minas Gerais S/D Internet: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo01/Maria%20Cristina%20Caetano%20e%20Maria%20Auxiliadora%20Monteiro%20Oliveira.pdf> Acesso em 01.01.2013.

CARDOSO, Maria Angélica. História das Disciplinas Escolares e Cultura Escolar: Apontamentos Para Uma Prática Pedagógica. Universidade Federal Mato Grosso do Sul: Campo Grande, 2007.

CARVALHO MIRANDA, Ana Maria Belitardo. Escola das Militão: A História Multipla de uma Pedagogia da Eficácia, pelos seus egressos. Monografia Especialização: Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim: 1998.

CARVALHO, Marília. Mestra sim, Tia Também: Professoras de 1º Grau na Periferia de São Paulo. In: Revista Projeto História, nº 11, São Paulo: 1994.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo: 2004. Nº 27.

DALCIN, Talita Banck. Corpo e Escola no Cenário Paranaense da segunda Metade do Século XIX. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Paraná, 2005.

_____, Os Castigos Corporais nas Escolas Domésticas e Isoladas do Paraná no Século XIX: Disciplina e Controle dos Corpos. Monografia de Conclusão de Curso: Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2002.

DOMINGOS, Marília De Franceschi Neto. Ensino Religioso e Estado Laico: uma lição de tolerância. In: Rever Revista de Ensino Religioso. 2009, p.45-70.

DURAND, Gilbert. O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

FILHO, Luciano Mendes Farias; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação. São Paulo, 2000, nº 14.

_____, A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, 2004, v.30, n.1.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. 25ª Edição. Petrópolis: Editora vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar, Olhos d'água. São Paulo: 1997.

GONDRA, José Gonçalves; SCHNEIDER, Omar, (orgs). Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

INÁCIO, Fátima Pacheco de Santana. Mestre-escola: Cultura, saberes escolares e a transformação das práticas pedagógicas (Goiás 1930-1964). In: dissertação de mestrado: O mestre-escola e o processo de publicização da escola em Goiás (1930-1964). UNICAMP - Faculdade de Educação. Campinas-SP, 2005, mimeo.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: Revista Brasileira de História da Educação. Rio de Janeiro: 200.

LONZA, Furio. História do uniforme escolar no Brasil. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

MACHADO, Paulo Batista. Notícias e Saudades da Vila Nova da Rainha, Aliás, Senhor do Bonfim: EDUNEB, 2007.

MARCON, Mônica D'Andréa. Aspectos Históricos do Uso dos Uniformes Escolares: Reflexões no Campo da Educação e da Moda (1940 – 2000). Dissertação de Mestrado: Universidade Estadual de Caxias do Sul, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 3ª Edição revisada e ampliada, Loyola, São Paulo, 1996.

MELLO, Itiane Elena de. O IMAGINÁRIO NO COTIDIANO ESCOLAR. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil. S/D

MENDONÇA, Amanda André de. Religião na Escola: Registros e Polêmicas na Rede Estadual do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2012.

MENEGOLO, Elizabeth D. da C. Wallace; CARDOSO, Cancionila Janzkovski. DIÁRIOS DE CLASSE: traços históricos de um ensino de língua. Internet. http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anais16/sem10pdf/sm10ss20_08.pdf Acesso em 15.04.2013.

MIRANDA, Gener Andrade. Escola das Militão: “Pequena História de uma pedagogia da Eficácia”. Monografia Especialização: Universidade do Estado da Bahia, Senhor do Bonfim: 1998.

MOREIRA DE FARIAS, Ana Elizabete; PINHEIRO, Josefa Nunes. Educação para a Convivência com o Semiárido: Contribuições Para o Ensino de História. Revista Espaço e Tempo, Universidade do Vale do Acaraú – UVA, 2011.

NOVAES, Maria Eliana. Professora Primária Mestra ou Tia? São Paulo, Cortez, 1984.

NÓVOA, Antônio. Le Temps de Professeur: Analyse sócio-historique de le profession enseignante au Portugal. 2 volumes, Lisboa: INIC, 1987.

_____, Do Mestre-Escola ao professor do ensino primário: Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV –XX).In: Análise Psicológica. Lisboa, 1987.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Parâmetros Curriculares Nacionais: suas idéias sobre história. In: O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisas e ensino. OLIVEIRA, M. M. D. e STAMATTO, M. I. S. (Org.). Natal: EDUFRN, 2007 b. p. 9-18.

PARDIM, Carlos Souza; SOUZA, Luiza Aparecida. O Movimento da Escola Nova no Brasil da Década de 1930. Universidade Federal Mato Grosso do Sul: Campo Grande, 2007.

SANTOS, Antônio Cesar de Almeida. Fontes Orais: Testemunhos, trajetória de vida e história. <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf> Acesso em 20.09.2013.

SAVIANI, Demerval. Instituições Escolares: Conceito, História, Historiografia e Prática. In: Cadernos de História da Educação nº 4, Rio de Janeiro: 2005.

SCHEMES, Cláudia; THON, Ida Helena. A moda europeia e o uniforme escolar no Brasil. <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/6-Coloquio-de-Moda-2010/68730-A-moda-europeia-e-o-uniforme-escolar-no-Brasil.pdf> Acesso em 10.07.2013.

SCHUELER, Alessandra Frota de. Forma e Culturas Escolares: práticas, representações e experiências de profissionalização docente em escolas públicas primárias na cidade do Rio de Janeiro (1870-1890). Niterói, UFF: 2002. Tese em Educação.

_____, Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. Universidade do Rio de Janeiro: 2007.

_____, De mestres-escolas a professores públicos: histórias de formação de professores na Corte Imperial Educação, vol. XXVIII, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 333-351 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.

SHAW, Gisele Lemos. Memórias Docentes do Ensino de Ciências no Ginásio Sagrado Coração de Senhor do Bonfim, Bahia (1944-1976). Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2010.

SILVA, Carlos Manique da. A ideia de “casa da escola” no século XIX português. In: Revista Faculdade de Letras e História. Porto: 2005. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3389.pdf> Acesso em 20.10.2013.

SILVA, José Carlos Araújo. O Recôncavo Baiano e Suas Escolas de Primeiras Letras (1827 – 1852): Um Estudo do Cotidiano Escolar. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1999.

SOUSA, Cynthia Pereira de (org). História da Educação: Processos, Práticas e Saberes. São Paulo: Escrituras 1998.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. In: Revista Brasileira de Educação. Nº14 ano: 2000.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. Práticas e Representações Acerca da Infância e da Escola numa Comunidade do Interior (1940-1970). Internet: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Tania%20Mara%20Pereira%20Vasconcelos%20-%20Texto.pdf> Acesso em 25.06.2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. No Interior da Sala de Aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. In: Curriculum Sem Fronteira. São Paulo: 2009.

SINPRORS. Violência Contra os Professores. Rio Grande do Sul. 2007. http://www.sinpro-rs.org.br/cepep/Violencia_contra_os_professores.pdf Acesso em: 25/06/2013.

_____, Violência Contra os Professores. Rio Grande do Sul. 2007 http://www.sinprors.org.br/pesquisa/pdf/Violencia_Apresentacao_250107.pdf Acesso 25/06/2013.

VILLELA, Heloísa. O mestre e a professora. In: TEIXEIRA, Eliane; FARIA FILHO, Luciano, (orgs). 500 anos de Educação Brasileira. Belo Horizonte: autêntica, 2000.

YOUNG, Michael. Para que Serve as Escolas? Revista Educação e sociedade, Campinas: 2007.

FONTES

Literatura:

- Notícias e Saudades da Vila Nova da Rainha, Aliás, Senhor do Bonfim. Paulo Batista Machado. Sr.do Bonfim. 2007.
- . E tu, me amas? Encontro de leitores e enamorados de Senhor do Bonfim. Rose Mary Ferreira Almeida. Sr.do Bonfim, 2001.
- Senhor do Bonfim Terra do Bom Começo. Jairo Simões. Sr.do Bonfim,1954.
- Caçua de Bungingangas. Hélio de Carvalho Freitas. Sr.do Bonfim, 1999.

Documentos:

- Carta aberta à população bonfinense anexa aos poucos pertences das Irmãs Militão, doados ao Memorial do Colégio Sagrado Coração - Cesc/COC redigida pelo Sr. José Alberto Barbosa cuidador das mestras.

Entrevistas:

- Entrevista concedida pela Sra. Eulália Guimarães, a José Roberto A.S. Peixoto em 20/10/2011.
- Entrevista concedida pela Sra. Julita Amorim da Silva, a José Roberto A.S. Peixoto em 21/01/2012.
- Entrevista concedida pela Professora Lourdes Militão, ao radialista Tito Rocha no ano de 1998.
- Entrevista concedida pelo Sr. Waldemar R. Cardoso, José Roberto A.S. Peixoto em 21/01/2012.
- Entrevista concedida pelo Sr. Floro Carvalho (Vavá), a José Roberto A.S. Peixoto em 21/01/2012.

Fotografias:

- Fotos das irmãs Militão cedidas gentilmente pela diretoria do Colégio Sagrado Coração, instituição ao qual o Memorial de Senhor do Bonfim está ligado.

ANEXOS**REGISTRO FOTOGRAFICOS RELATIVOS À ESCOLA
SANTATEREZINHA**

ANEXO

**AS MESTRAS – ESCOLAS MARIA DE LOURDES GONÇALVES
MILITÃO E MARIA FLORIPES GONÇALVES MILITÃO
("TIA" LOURDES E "TIA" DI)**



A esquerda "Tia Di e a direita "Tia" Lourdes Militão

ANEXO**MESTRA-ESCOLA MARIA DE LOURDES GONÇALVES MILITÃO**

Imagem produzida durante a realização de novena em louvor a Nossa Senhora

ANEXO**ESCOLA SANTA TEREZINHA**

A Escola Santa Terezinha vista de frente



Quintal da casa-escola Santa Terezinha

ANEXO**SALA ONDE FUNCIONAVAM AS CLASSES DA ESCOLA SANTA
TEREZINHA**

“Visita de pais de ex-alunos a “Tia” Lourdes Militão”



Aniversário de 83 anos de “Tia” Lourdes Militão

ANEXO

RELIGIOSIDADE UM TRAÇO MARCANTE



Mestra Lourdes Militão: “O cansaço da velhice e o consolo da prece”



A palmatória: Instrumento disciplinador do método da Escola Santa Terezinha

ANEXO

DOCUMENTO

IRMÃS MILITÃO

Maria de Lourdes Militão, (Tia Lourdes) Nasceu em 24/12/1916
Faleceu em 11 de Maio de 1999
Maria Floripes Militão: Não Declarada
Filhas de João Militão e Joana Gomes Gonçalves
Natural desta Cidade

FUNDARAM A PRIMEIRA ESCOLA PARTICULAR DE SENHOR DO BONFIM
ESCOLA SANTA TEREZINHA

Na época Escola registrada. Com Arquivos Atualmente não existentes
Escola Rustica com com Disciplinas Sévera, na época usando Palmatória
para com as crianças que tinham o mau Comportamento com seus Pais e
dentro das salas de aulas. Usada também nas Chamadas Sabatinas, Conta
Matemática de Dividir que tinham até sete números.
Eram Bastante Religiosas, com Tradições de Novenas de Santos, como
Santo Antonio, São João e outros Santos do mês de Junho.
Eram Bastante conhecidas na Cidade. Por Honestidade Simplicidade
Humildade, frequentavam Bastante a Igreja Católica, Assistindo as Missas
de Joelhos e Procissões de Pés no Chão. Em sua Janela abençoava todos
os que passavam em sua calçada no centro da Cidade. Muito contribuiu para
a Educação de nossa cidade. Médicos e Varias Autoridades de nossa cidade
Passaram por lá. Hoje esperamos ao Reconhecimento de nossas
Autoridades para com Essas Ilustres Memórias. Que deveriam ter
seus Patrimônios Tombados como Patrimônio Histórico de nossa Cidade.
Não tiveram sequer um Tumulto digno. que elas Construíam com seus esforços
e esta sepultado também outros Menbros da família, Tumulto Foi logo violado
por pessoas não da Família e está sendo usado até Hoje.
Fica aqui meu Apoio como Amigo de Tia Lourdes Militão que cuidou e
conviveu nos seus Últimos dias de sua Vida. E Protesto contra o Desrespeito a
essas nossas Cidades Bonfinenses.

José Alberto Barbosa

ENTREVISTAS

Entrevista

Entrevistador: José Roberto A.S. Peixoto

Data: 20.10.2011

Local: Senhor do Bonfim – BA

Entrevistado: Eulália Guimarães

Proprietária da Escola Santa Terezinha

J.R – Quantos anos a senhora tem 87 anos

J.R – Dona Eulália Guimarães a senhora pode falar um pouco sobre a sua amizade com a Lourdes Militão?

E.G – Olha bem meu filho a minha amizade com a Lourdes sempre foi ótima, pena que eu não tenha saúde mais pra falar, pois não consigo falar muito eu canso por causa do meu coração.

J.R - Mas a Senhora pode falar pelo menos sobre a Escola do passado?

E.G - “A escola que frequentei era muito diferente das de hoje, os alunos respeitavam os professores como se fossem seus pais. Não se tinha notícia de que um aluno xingou ou bateu em um professor! Hoje vejo tanta coisa errada nas escolas... olha bem, outro dia ouvir no jornal, um aluno que agrediu o professor por causa de uma nota, ver se pode isso gente, judiação!”

Entrevista

Pesquisador: José Roberto Peixoto

Data: 21.01.2012

Local: Senhor do Bonfim – BA

Entrevistado: Sr. Julita Amorim da Silva

Amiga e vizinha

JR – Dona Julita a senhora conheceu as irmã Militão?

JAS – Demais, eram minhas amigas e de Dindinha que me criou. Dindinha era professora e fazia todo final de semestre as provas para os alunos das Militão, eu me lembro que eram difíceis pra danar! Mas minha Dindinha ficava muito feliz depois que corrigiam as avaliação.

JR – Por que?

Porque ela fazia bem difíceis, mas os alunos das Militão sempre dobravam a Dindinha, acertavam quase tudo, menino era o diacho! Muitos dos alunos de Lourdes e Di, se formaram em médico, advogados, professores, funcionário publico e outros políticos como os filhos do finado Cândido Felix.

JR - Além de serem professoras o que mais se fazia naquela casa-escola?

JAS – Novenas de Santo Antonio, Caruru de Cosme e Damião, Novenas de Nossa Senhora.

JR – Elas eram muito religiosas?

Sim, ninguém começava a aula sem rezar antes e depois cantar. Certa vez fui levar um bolo pra elas tomarem café, e era hora de aulas os meninos levantaram ao me ver cantaram uma musiquinha engraçadinha pra mim, vixe! Fiquei morta de vergonha.

JR – Como era a relação delas com os alunos?

JAS – Era muito boa, eles gostavam delas, no início ficavam tudo com medo, pois elas eram afamadas, mas depois ficavam tudo mansinho, por que enganar elas era muito fácil, bastava obedecer e não trazer queixa de casa para escola que tava tudo bem.

JR – Pode me explicar que tipo de queixa deixavam as mestras zangadas?

JAS – Se a mãe falasse que o aluno tava respondendo elas em casa, Lourdes tratava logo de chamar no eixo, prometia se eles continuassem iriam tomar uma surra de criar bicho. Oxe, logo, logo, ficavam umas sedas em casa.

JR – Eles não ficavam revoltados não?

JAS – Acho que não, pois muitos ao saírem de lá iam visitar sempre que podiam. Muitas vezes eu me deparava com alunos que tinham sido transferidos de lá assistindo aula com elas, aí eu dizia: -“Oh Lourdes esse menino voltou a estudar aqui”? E elas: - não mulher, é que disse que tava com saudades e como não teve aula na escola dele hoje disse que veio pra cá, mas já conversei com a mãe.

JR – A Senhora acha que a Escola das Militão faz falta na cidade?

JAS – Elas fazem falta em qualquer situação. Mas a escola se tivesse ainda funcionando com certeza muita criança que virou marginal não teria esse destino, pois elas eram muito rígidas e disciplinadoras, coisa que as escolas de hoje não são, eu tenho um neto que tá com 9 anos e nem sabe ler nem escrever. Essas escolas de hoje sei não....

JR – O que a senhor atribui esse saudosismo todo quando se refere a escola das Militão?

JAS – Oxe a qualidade do ensino e a disciplina rígida, se as escolas de hoje fossem assim, eu queria ver menino perder de ano, ou passar sem saber de nada, passa uma ova!

JR – quanto ao uso da palmatória a senhora já viu elas aplicarem em algum aluno?

JAS – vi sim, varias vezes. Mas não era como vocês pensam não, elas usavam nas sabatinas e quem batia nos demais era o aluno que acertava todas as perguntas. Outras vezes vi alunos tomar bolos por não saber fazer as contas ou ler errado, em outras oportunidade presenciei aluo de joelhos no milho por mal criação.

JR – E os pais o que diziam?

JAS – Nada, achavam era bom e recomendavam. Certa vez um pai disse pra Lourdes que se o filho dele teimasse ou errasse podia “pisar de pé” que ele agradecia.

JR – elas pisaram?

JAS – não menino, elas não faziam isso não. Na maioria das vezes eram muitas as brocas e olhe uma bronca de Lourdes ou Adi, fazia qualquer um se mijar...

JR – A Escola de hoje é melhor que a das Militão?

JAS – Em algumas coisas sim, mas no principal não!

JR – Como assim, pode explicar melhor?

JAS – oh, as escolas de hoje tem mais recurso que a de Loudes, como por exemplo móveis, internet, televisão, computadores e um monte de coisa que eu não sei lá, Mas o ensino não presta, pois tem um bocado de alunos por aí que tem o ensino básico e não sabe nem dividir com “duas letras”, você acha que isso é ensino? Pois é com as Militão essas coisas não aconteceria, por que elas ensinavam mil vezes até o menino aprende, e se não aprendesse apanhava até a coisa andar.

Entrevista

Entrevistador: Tito Rocha

Data: 1998

Local: Senhor do Bonfim – BA

Entrevistado: Maria de Lourdes Gonçalves Militão

Proprietária da Escola Santa Terezinha

T.R - Qual o seu nome completo e a sua filiação?

T.L – Eu me chamo Maria de Lourdes Gonçalves Militão, o meu pai se chamava João José Gonçalves Militão e minha mãe Joana Gomes Gonçalves.

T.R – Como se chamava a sua irmã que faleceu recentemente?

Maria Floripes Gonçalves Militão. “Que Deus a tenha no reino da glória!”

T.R – Quando Criança o que gostava de fazer? Era traquina como a maioria das crianças?

T.L -Eu tinha pouco tempo pra brincar, pois minha mãe sempre me ocupava com os afazeres de casa, mas quando tinha uma folga, brincava como toda criança. E as brincadeiras eram de bonecas, pega-pega, esconde-esconde essas coisas. Mas nada me alegrava mais do que brincar durante as trovoadas, fazer barcos de papel e represar a água da chuva... Mamãe sempre me dava uma surra por conta disso, mas eu nem ligava, era só chover para eu ir de novo.

T.R – Onde a senhora estudou e até quando?

T.L - Estudei na escola da professora Isaurinha.

T.R – A professora Isaura Simões?

T.L – Sim, bem ela, foi uma mãe para mim. Naquele tempo as escolas funcionavam nas casas das professoras e o ensino era diferente, os alunos respeitavam os professores e a educação era bem melhor do que a de hoje. Tinha palmatória, o botim e muito castigo no milho, mas agente aprendia de um tudo!

T.R – O que levou a senhora a abrir uma escola em parceria com a sua irmã?

T.L – Foi a falta de meu pai, pois ele morreu e deixou minha mãe comigo e minha irmã. Minha mãe por causa da morte de meu pai, teve que assumir o sustento da casa, fazíamos de tudo, lavávamos roupas de encomenda, costurava e bordávamos de encomenda, mas o dinheiro era pouco e minha mãe já não era tão nova, e ainda por cima minha mãe criava um neto, Marques e sabe como é criança quando ver algo na rua sempre quer ter, e nós também gostávamos de ir aos bailes de matinê da União e Recreio Bonfinense, então resolvemos abrir uma escola para ensinar crianças do lugar.

T.R – E se inspirou em quem ou no quê para abrir essa escola?

Na professora Isaurinha, pois foi quem me ensinou, copiamos muita coisa do jeito dela ensinar, e com o tempo fomos aprendendo o nosso.

T.R – Qual a data de fundação da escola e com que nome abriu as portas?

T.L – A data não me lembro muito bem não, mas o ano 1952 e demos o nome de Escola Santa Terezinha, mas todo mundo chama de “Escola das Militão”.

T.R – A senhora nunca se desentendeu com os pais de seus alunos por conta dos castigos aplicados?

Naquela época, a maneira de ensinar era muito diferente da de hoje. Naquele tempo os pais não ameaçavam de colocar na cadeia por castigar e dar bolos nos seus filhos. Aliás, quando os pais nos procuravam para colocarem os seus filhos em nossa escola, nós já os avisávamos dos nossos métodos – quem tiver seus filhos dengosos, não os colocassem conosco, pois o nosso lema era: “ escreveu não leu, o pau come”.

T.R - E mesmo assim, eles matriculavam?

T.L – Sim, eles sabiam que nós não maltratávamos os seus filhos. Não! Nós os educávamos e os meus meninos sabia que “tia” Lourdes e “tia” Di castigavam, davam bolos de palmatória e os deixava presos, porque esta, era a nossa maneira de ensinar e foi assim que aprendemos nas escolas que estudamos. Os pais nos apoiavam e nos davam carta branca para agir. Também se não dessem, nós não aceitávamos os seus filhos.

T.R – e mesmo desse jeito tinha matrícula?

T.L – Ora se tinha, os pais chegavam a pedir pelo amor de Deus para aceitarmos seus filhos. Pelo gosto do povo, teríamos gente até no telhado. Chegamos a ter 84 alunos em nossa Escola. Era humilde, mas muito respeitada por todos.

T.R – Quais os horários de funcionamento?

T.L – Pela manhã das 07h30min às 12h00min. e pela tarde 13:00 às 17:00hs. E à noite funcionava o MOBREAL. Mas sempre que os alunos se danavam agente seguia até a noite e dependendo do castigo tinha deles que nem voltavam para casa, dormiam aqui de castigo.

T.R – Quais as disciplinas que ministravam aos alunos?

T.L – Nós ensinávamos Português, Matemática, Geografia, ciências, estudos sociais, religião, História do Brasil. Nos dias de terças e quintas – feira aplicava as sabatinas, pois aluno nosso não fazia contas nos dedos, eu ensinava uma, duas, três..., dez vezes se possível, pegava na mão e ensina a cobrir. Agora quando o aluno não queria aprender tomava uns bolinhos num estante ele mudava o ritmo.

T.R – A senhora lembra-se de algum caso que teve que agir com rigor?

T.L – Certa vez, deixei o filho do prefeito Candido Félix Martins, o Antônio, preso e mandei dizer ao pai que não viesse buscar o filho, pois se viesse, o menino não iria estudar mais aqui. Se deram o recado eu não sei. Só sei que a Nilda, mãe do menino foi para a Bahia. Passou oito dias lá. O filho do Maninho Angelim tentou fugir pela janela. Aí eu mandei os outros correrem atrás até pegá-lo. Dei-lhe seis bolos caprichados. À tarde, o pai veio agradecer dizendo: “Muito bem Lourdes; esse menino nunca achou quem batesse nele; agora aprendeu!”

T.R – Alguns professores afirmam que seus métodos contribuíram para o temor das crianças a sua escola. O que a senhora pensa disso?

T.L - Na minha escola não se maltratava os filhos dos outros, mas precisou apanhou.

T.R – As pessoas comentam que nos meses de junho e dezembro a senhora convida professores da rede estadual e particular para aplicar e assistirem aos exames de final de semestre. Qual o objetivo dessa ação?

T.L – Mostrar para a comunidade a qualidade do nosso método, bem como ouvir das professoras convidadas alguma coisa que poderia está escapando às nossas vista, por conta do convívio que uma pessoa de fora não deixaria escapar, assim poderia sanar alguma falha no aluno antes deles ser matriculado no ginásio. As professoras que sempre me ajudam são minhas amigas como Alice Varjão, Neide Grassi, Ana Brandão e Auriana Brandão.

T.R – Observei que ao entrar aqui os seus alunos estavam rezando é por causa da minha presença ou isso é normal aqui na escola?

T.L – Antes de começar as aulas sempre rezamos as nossas orações, pois é através delas que passamos outros valores morais, como por exemplo: respeito aos mais velhos, não mentir para as pessoas, etc.

T.R – Aqui os alunos antes de entrar passam por revistas, por que isso?

T.L – Averiguar o estado de higiene e ele não traz alguma marca de casa que possa depois nos acusar de ter causado neles, se tiver comunicamos aos pais para tomarem as devidas providências ou prestarem esclarecimentos.

T.R – a Escola é registrada nos órgãos de Educação?

T.L - Minha escola era clandestina. Os pais pagavam o que

Entrevista

Pesquisador: José Roberto Peixoto

Data: 21.01.2012

Local: Senhor do Bonfim – BA

Entrevistado: Sr. Floro “Vavá” Carvalho

Amigo e vizinho das Militão

JR - Sr. Vavá pode nos falar um pouco sobre as suas memórias acerca da Escola das irmãs Militão?

Vavá Carvalho – Era uma escola doméstica como muitas que tinham por aqui, mas ela se destacava das outras, eu acho por que por causa da rigidez com os alunos e o jeito que davam em alunos danados.

JR – O que o senhor era delas?

Vavá Carvalho – eu era vizinho e amigo delas, quando crianças brincamos muito aqui pelo centro da cidade, na Praça Nova, eram uma meninas muito sérias, e depois viraram professoras para poder cuidar da mãe e dos sobrinhos, depois que o pai morreu.

JR – existia outras escolas na cidade nessa época?

Vavá Carvalho – Tinha um bocado de particular, como as Sacramentinas, os Maristas um monte de escola doméstica e uma pública que era o Austricliano de Carvalho, onde o filho das famílias mais remediadas e os pobres estudavam lá. Eu estudei lá!

JR – Mas o senhor era filho de comerciantes? Por que estudou lá?

Vavá Carvalho – era, mas não era rico.

JR – Quantos anos o Senhor tem hoje?

Vavá Carvalho 96 anos.

JR – e brincou com elas?

Vavá Carvalho – Sim muito, pois a Di tinha mais ou menos a minha idade e a Lourdes era a mais velha de todos nós. Mais brincamos sim.

JR – o Que significa a Escola das Militão para o Senhor hoje?

Vavá Carvalho – era uma escola muito importante, e desafio a qualquer uma dessas de hoje fazer o que elas faziam naquela época. Alfabetizar e fazer aluno realizar as operações matemáticas, ler e escrever corretamente sem errar uma vírgula. Fazem hoje uma banana!

JR – o Senhor Acha que as escolas de hoje não fazem o que elas faziam?

Vavá - Algumas fazem um pouco, mas como elas não! Me diga quantos alunos o professor forma hoje de uma turma de trinta, quantos deles sai sabendo o que precisa para cursar a série

seguintes? Me diga por que elas tinham 80 em três turnos e todos os 80 saiam capacitados para cursar qualquer escola no Brasil, e hoje tem isso?

JR – o que elas faziam para domar as crianças danada?

Vavá Carvalho – usavam a palmatória, o botim e os castigos de ficarem de joelho no milho ou em caroços de feijão, muitas vezes não voltavam para casa dormiam lá e só voltavam quando sabiam a lição todinha de cabo a rabo.

JR – Nossa e os pais deixavam?

Vavá Carvalho – deixavam sim, ou deixavam ou diziam por que não deixavam, pois se brincasse ficava até os pais. Hoje é que as escolas tão tudo diferente, aluno desrespeitam professores e até querem bater. Nessa época não, tinha-se respeito pelo professor.

JR – Se elas fossem vivas o senhor matricularia seus filhos?

Vavá Carvalho – Oxe na hora, pois lá eu ia saber que ele teria um futuro garantido.

O Senhor acha que se elas estivessem aqui com a escola aberta ainda trabalhariam?

Não, pois a escola hoje é outra moderna e sem resultado, porque tem muita lei que acoberta a mal criação das crianças de hoje.

Entrevista

Pesquisador: José Roberto Peixoto

Data: 21.01.2012

Local: Senhor do Bonfim – BA

Entrevistado: Sr. Waldemar Cardoso

Ex-aluno da Escola Santa Terezinha

JR - Sr. Waldemar pode nos falar um pouco sobre as suas memórias acerca da Escola das Irmãs Militão?

Waldemar – Na época era uma escola muito rígida, onde os alunos danados e que desrespeitavam em casa e na escola elas colocavam de castigo, mas os alunos aprendiam bastante. E quando agente não sabia a resposta, elas também castigavam de joelhos no milho.

JR – o que levou seus pais a matricular o Senhor na escola Santa Terezinha, foi por conta do ser um menino considerado “danado” nas escolas que passou ou por que elas confiavam na educação que elas forneciam?

Waldemar – Em primeiro lugar por que eu era muito danado, não queria nada com os estudos. E nessa época eu estava estudando no Abc, e depois lá passei para a cartilha; também decorávamos o hino nacional e o da bandeira. Por serem rígidas e eu muito danado se não fosse por elas eu ia continuar não querendo nada com os estudos, saindo de lá fui direto para o Sagrado Coração*. (Hoje Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, na época o conhecido Colégio Maristas que era dirigido por outro professor muito conhecido por sua rigidez o Irmão Aloísio.)

JR – Em que ano o senhor foi matriculado no Colégio Maristas?

Waldemar – Década de 70, 71....

JR - Para poder se matricular em outras escolas elas emitiam uma declaração?

Waldemar – Sim. E quem estudou comigo lá foi aquele menino que trabalha no Banco do Brasil... O Prudente.

JR – Elas faziam o uso frequente da palmatória?

Waldemar – Sim, adequadamente, era quando agente não prestava muita atenção! Era costume usar nas sabatinas de matemática, mas não era elas que batiam juntavam três alunos e faziam as perguntas quando um acertava e os demais erravam, o que acertou saía batendo nos demais.

JR – Segundo alguns alunos delas, afirmam que elas usavam a palmatória como instrumento de correção, exemplo meninos indisciplinados caíam no bolo?

Waldemar – Quanto a isso eu não sei afirmar, elas usavam isso para intimidar, pelo menos no tempo em que eu estudei. Mas você sabe nunca deixou de ter algum menino que não quer

respeitar, aí simplesmente elas davam dois bolozinhos, que naquela época não era proibido... mas não era aqueles bolos de castigar não!

JR – O senhor acha que elas prestavam um bom serviço a sociedade naquela época?

Waldemar – À sociedade e a mim principalmente, a maioria daqueles que estudei juntos elas prestaram um bom serviço. Porque os pais só colocavam lá aqueles que não queriam nada com o estudo.

JR - Se houvesse uma escola hoje do tipo das Militão a juventude de hoje teria algo a ganhar?

Waldemar – Teria sim, mas como a lei de hoje é diferente e esses alunos de hoje xingam as professoras e não tem respeito por ninguém, mas se ainda tivesse uma escola igual as Militão acredito que o estudo era outro! Você tá vendo aí, tem muitos que fazem o Enem e não passam e os que passam se formam e não sabem nada.

JR – prestavam um serviço de qualidade na sua concepção?

Waldemar – elas prestaram um serviço de qualidade a todos nós que estudamos lá.

JR – Que o senhor me diz sobre essa frase: “Todo menino levado que não queria estudar, os pais ameaçavam de colocar nas Militão, ao ouvir isso fazia-os tremer”, tem alguma verdade?

Waldemar – Isso era usado como incentivo pra ver se eles estudavam, porque elas eram faladas! O pessoal as chamava de “pedra preta”. Intimidava mesmo, inclusive a mim. Elas colocavam no castigo, enquanto não aprendesse não saia do castigo, ficávamos em pé com o livro estudando, era um incentivo!

JR – Uma senhora afirma que as crianças que ficavam de castigo e não faziam a lição ficavam lá até altas horas, elas serviam para elas mingaus, arroz doce essas coisa... o senhor também experimentou isso?

Waldemar – Não, no meu tempo não foi. Elas ficavam assim... elas ensinavam de manhã e de tarde, elas ficavam até quatro horas da tarde, aí elas diziam: “ como você não aprendeu, vai ficar até seis horas! Mas deixava até seis horas para ensinar ele, e os demais saiam.

JR – Como era a remuneração que sua família realizava em troca do trabalho delas?

Waldemar – Pagava uma quantidade em dinheiro como se paga uma escola particular, pois elas tinha que assumir a manutenção da escola.

JR – O senhor alcançou a mãe delas viva, sabe de sua origem?

Waldemar – não, só sei que era onde é hoje o Supermercado Andorinha.

JR – O senhor se recorda se além da atividade docente se elas tinham outra atividade?

Waldemar – Não, acredito que elas se dedicavam a escola delas...

JR – Uma entrevistada afirma que elas rezavam contra o mal vermelho e o fogo selvagem, o senhor confirma isso?

Waldemar – Não sei afirmar isso, olhe quando agente estava estudando tia Di ficava lá dentro fazendo as coisas de casa e de Lourdes ficava sentada com agente fazendo crochê. E se houve isso, acredito que não é de minha época.

JR – Mas essas atividades eram realizadas no momento em que a escola não estava funcionando, o senhor nunca presenciou isso não?

Waldemar – Eu não, pois eu já passava muito tempo ali, por conta dos muitos castigos quando eu saía dali não queria saber de mais nada, por conta de tanto castigo que pague ali. (Risos) Mas quando passava na porta, pedia a benção a elas “ benção tia Di, Benção tia Lourdes.. (risos)

JR – O Senhor Chegou a frequentar as novenas?

Waldemar – não, quando saía dali queria eram ficar longe.

JR – Quando o senhor saiu da escola Santa Tereza e entrou no Ginásio Sagrado Coração, sentiu alguma dificuldade?

Waldemar – Não, sentir não o tempo que passei lá aprendi muito principalmente matemática.

JR – sabia se elas tinham uma devoção a santo Antonio?

Waldemar – Tinha com certeza! Ao entrar na escola antes de começar os estudos tínhamos que rezar o pai nosso e a ave maria.

JR – Senhor é da turma anterior a 1970?

Waldemar – sim entrei no Sagrado Coração em 1968 e sair em 1970.

JR – então significa que o senhor foi alunos delas no início de 1960.

Waldemar – Elas eram bem faladas e quando minha mãe resolveu me colocar lá, não teve mais jeito pois eu não era muito ligado aos estudos.

JR – Elas eram de fato disciplinadoras?

Waldemar – Isso aí eu lhe garanto, por que eu passei por isso aí.... Eu lhe garanto, se não fosse elas eu não tinha aprendido matemática.... é uma realidade um sofrimento. Olhe na leitura era quatro ou cinco abc's se não aprendesse a palmatória descia! (risos) Minha mãe sempre falava: “rapaz se não fosse as Militão tu tava aí até hoje sem aprender nada e talvez não teria nem se tornado gente”

JR – Além do Senhor houve mais alguém que estudou na Escola Santa Terezinha?

Waldemar – Não....(risos) só eu mesmo.

JR – Elas gozavam de um certo prestígio social na cidade de Senhor do Bonfim?

Waldemar – Só sei te dizer que as pessoas da alta sociedade passavam sempre lá para falar com elas.

JR – O que levou a sua mãe te colocar nessa escola foi por conta do know haw que elas tinham na sociedade local, no que se refere a Educação?

Waldemar – Havia um ditado popular naquele tempo, onde as mães diziam assim: “vou botar vocês nas Militão que eu quero ver se vocês não aprendem!” Então elas tinham uma fama de serem professoras excelentes, era uma educação para o menino não repetir de ano, elas sabiam mesmo educar.

JR – Se o senhor tivesse um filho com o comportamento do senhor quando criança, e houvesse uma escola com as Militão, o senhor os matricularia?

Waldemar – Oxe na hora, os três!

JR – Quais as disciplinas que elas ensinavam?

Waldemar – Eu fui basicamente português e matemática. Aprendi a ler e a contar.... era muita tabuada e cartilha.

JR – Senhor sabe informar se os militares frequentavam a escola delas?

Waldemar – Não.

JR - O Senhor lembra dos castigos que tomou?

Waldemar – Era ficar de joelho no milho, ficar de braços abertos, bolos de palmatória etc.

JR – O senhor atribui a sua mudança enquanto estudante a atuação das irmãs Militão?

Waldemar – Sem medo de errar, elas foram as responsáveis por minha mudança. Antes de eu ir para lá eu não era muito boa pessoa.

JR – Então o senhor é partidário que a escola delas produziu cidadão de bem?

Waldemar - Sim, e como. Mas pode ser que em outras entrevistas outros possam falar mal, porque você sabe castigar muitas vezes faz com que as pessoas guardem mágoa, mas mesmo assim, não acredito que vão dizer não. Nas outras entevistas tem alguém que fale mal delas?

JR – Não falam muito bem delas, mas a marca presente em todos os depoimentos é a disciplina, todos dizem que foram parar lá por conta da rebeldia e da indisciplina. Era uma escola para menino rebelde e indisciplinado. Com dificuldade de aprendizado defasado quanto a série e idade, essas coisas.

Waldemar – Tinha alunos que foram para lá por que eram muito brutos com os pais e indo pra lá muitos modificaram.

JR – Como era elas no trato com os alunos?

Waldemar – no inicio era muito grito depois com o tempo elas iam se acalmando e agente compreendendo as regras e elas ficavam dóceis, mas mesmo assim, a rigidez era presente. Mas o trato era muito bom.

JR – Tinha alguma coisa que o senhor não gostava da estrutura da escola?

Waldemar – posso falar?

JR – Pode sim.

Waldemar – Era o banheiro. Era um buraco mesmo, agente usava e depois jogava água.

JR – Era uma fossa negra?

Waldemar – sim, era! (risos)

JR – como o senhor as define?

Waldemar – eram pessoas humildes, mas muito asseadas, a casa era um brinco e as salas de aula também.

JR – Pode descrever as salas de aula?

Waldemar – Eram repletas de bancos feitos de madeira e tinha uns tamboretões com mesas bem grandes, onde sentávamos, e elas sempre em frente a um quadro negro. O fogão era a lenha onde se fazia a merenda de muitos.

JR – Quanto as série, eram todas misturadas?

Waldemar – eu não sei, no meu tem era só o abc e a cartilha.

JR – Elas alfabetizavam e preparavam de primeira a quarta séries?

Waldemar – acho que sim, mas eu não demorei ali não pois quando passei para o primeiro ano eu sair pois já sabia ler e contar direitinho, elas fizeram o trabalho delas direito, mas o que mais valeu foi o que elas me ensinaram de verdade, mudei meu comportamento e levou tudo que aprendi com elas até hoje.

JR - Se houvesse uma escola hoje do tipo das Militão, a juventude teria algo a ganhar?

Waldemar – Teria sim, mas como a lei de hoje é diferente e esses alunos xingam as professoras e não tem respeito por ninguém, mas se ainda tivesse uma escola igual as Militão acredito que o estudo era outro! Você tá vendo aí, tem muitos que fazem o Enem e não passam e os que passam se formam e não sabem nada. Waldemar R. Cardoso entrevista concedida ao pesquisador no dia 21/01/12.